

NATAL
1928

CINE

2\$00

Fátima Milagrosa

PRODUÇÃO 1928

ARGUMENTAÇÃO E REALIZAÇÃO
DE
RINO LUPO

DECORAÇÕES
DE
PEDRO DOS SANTOS

FOTOGRAFIA
DE
M. LAUMMAN



O MAIS FORMIDAVEL
TRIUNFO ATÉ HOJE
REGISTADO EM
PORTUGAL POR FIL-
MES PORTUGUESES

DEPOSITARIOS:

MELO, CASTELO BRANCO, L.^{DA}

RUA DAS PEDRAS NEGRAS, 24-2.º E.

REVISTA MENSAL DE ARTE CINEMATOGRAFICA

DIRECTOR: GOMES MONTEIRO

EDITOR: A. CALDERON DINIZ

SUMARIO

Capa — Anita Page

O Congresso catolico do cinema
Fui astro por amor á aventura
por *Douglas Fairbanks*

O Pirata Negro
A Cine em Paris
cronica de *Paulo Osorio*

A mulher amada que nunca amou
ninguem
por *Gomes Monteiro*

Hollywood Filme
«Azas»

Léa Niako e o cinema
por *B. R.*

O que foi outrora a bela princeza
M'Divani
por *Cristiano Lima*

Duas belezas triunfadoras
Willy Fritsch

De toda a parte
Isabelita Ruiz fala á «Cine»
Agua do Nilo

Charlot
por *Amadeu de Freitas* (filho)

Clive Brook
Verdun, Visions d'Histoire
por *Carlos Alberto Ferreira*

Luísa Fazenda
por *Antonio Ferro*

Ceu na Terra
A batalha naval de Coronel e Falk-
land

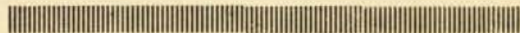
Correspondencia

Este numero foi visado pela comissão de Censura

Redacção e administração: L. Trindade Coelho, 10 LISBOA Composição e impressão: Rua da Rosa, 99 a 107
Assinaturas — Seis meses: 12\$00 — Ano: 24\$00

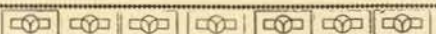
Depositária: FILIAL DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS — L. Trindade Coelho, 10-11-LISBOA

CINEMA CONDES



A SUPER-PRODUÇÃO DA
CINEROMANS
FILMS
DE FRANCE
(1928)

Sangue Azul



VERSÃO CINEMATOGRAFICA
DA FAMOSA PEÇA DE
CHARLES MÉRÉ

“Prince Jean,,

Representada em Portugal pela

COMPANHIA

Lucilia Simões-Erico Braga

Realização de **RÉNE HERVIL**

Interpretes principais:

RENÉE HÉRIBEL
(Claire d'Harlon)

PAUL GUIDÉ
(O Barão d'Arnheim)

LUCIEN D'ALSACE
(Jean — Duque d'Axel)

MONTALET
(A Senhora de Givrelles)

DENEUBOURG
(O Principe d'Axel)

ANDRÉ DUBOSC
(O Conde de Warre)

NINO CONSTANTINI
(Léopold d'Avel)

Fotos de **RINGEL** e de **ARNON**

As Grandes Artistas
e o «VELOUTY de Dixor»



M.ª Auzenda de Oliveira cantada pelo VELOUTY de DIXOR

diz-nos:

«Único no mundo o VELOUTY de Dixor, fornece à pele a suavidade do creme e o aveludado do pó»

Agentes: J. DELIGANT, L.ª — R. Sapateiros, 15 — LISBOA

Pasta Dentifrica KYNOL



DEPOSITARIOS GERAIS
Sociedade Comercial REBELLO DA SILVA, L.ª
RUA DOS FANQUEIROS, 22 — LISBOA

Para revenda na provincia, envia-se á cobrança

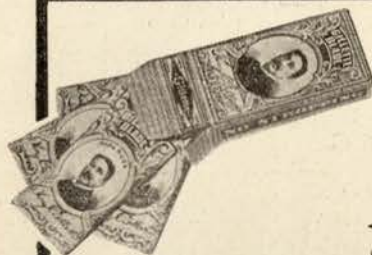
CHUVA DE MAIO

por PAULO FRAZÃO

VERSOS DE AMOR E DE VOLUPTUOSIDADE

A' venda em todas as livrarias

PREÇO 7\$00



- 1.º — Ha quasi duas vezes mais maquinas GILLETTE em uso diario do que telefones.
- 2.º — Ha mais maquinas GILLETTE em casas de banho do que lampadas electricas.
- 3.º — Em cada minuto vendem-se mais de 1.500 laminas GILLETTE.

MADE IN U. S. A.
TRADE **Gillette** MARK
KNOW THE WORLD OVER
REG. U.S. PAT. OFF.

Gillette. 75. R. DA CONCEIÇÃO-LISBÔA

AGUA, CREME E PÓ DE ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Transforma a
sua pele em
3 dias numa
BELEZA
incomparavel.

Experimente hoje mesmo
e peça o catalogo gratis a

Academia Scientifica de Beleza

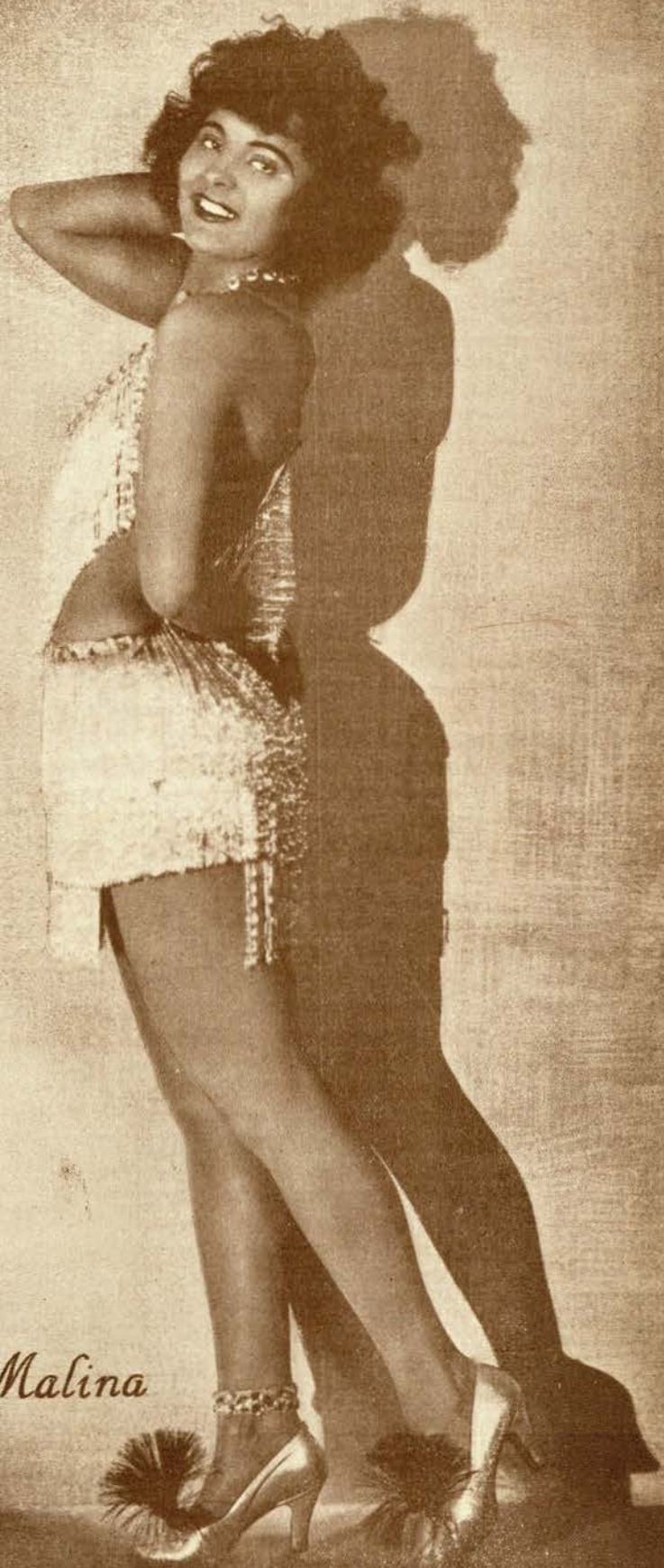
AVENIDA DA LIBERDADE, 35

LISBOA

Telefone N. 364

CINE

Natal
1928



Lina Malina

O Congresso Católico do Cinema

A «Cine» regista hoje nas suas paginas, alguns trechos da formosa alocução pronunciada na igreja de Santa Madalena de Paris, em 7 de novembro findo, por S. Ex.^a Reverendíssima, monsenhor Julien, bispo de Arras. O illustre prelado, membro da Academia das Ciências Morais e Políticas, ergueu um cantico esplendido á Sétima Arte, patenteando bem alto a grandeza do seu magnífico talento.

...A maior honra do sábio e do artista é trabalhar sob os dons de Deus, ou, por melhor dizer, sob a sua direcção e no imenso laboratório que é a Criação. Está escrito no livro de Job que o Criador «esconde a luz nas suas mãos, e lhe manda que torne de novo» (Job XXXVI — 32) Tereis vós herdado de alguém as prerrogativas divinas tão magnificamente contadas pela Escritura?

Grande força é a vossa, senhores!

Mas, também porque Deus, o grande Artista, vos fez participar da sua arte de «Metteur-en-Scène» universal, não sentis a vossa responsabilidade empenhada perante as leis eternas estabelecidas por este mesmo Deus?

E' Ele que procura ainda as razões da fama irresistível dos espectáculos filmados Julgo encontrar a necessidade que o homem deve ter em «ver» a vida correr sôb os seus olhos como a água dum regato. Ver! Ver é já um grande prazer porque a luz é sem dúvida o primeiro factor de alegria para o recém-nascido e a suprema amargura para o agonizante. «Lux oculorum laetificat animam» diz o autor dos Provérbios Luz dos olhos, felicidade da alma Ver alguma coisa que se rola na luz como se vê o que se passa na rua este cinema natural; ver coisas passadas como se elas estivessem presentes; ver o que o romance esclarece apenas por metade no débil clarão das palavras que se extinguem, ver o que o teatro deixa nos bastidores para o prazer de o contar; ver as figuras, as cidades, os dramas, as batalhas, os quadros evocadores de civilizações desaparecidas; ver os séculos sacudidos da sua poeira a desfilar em vivos com seus costumes, seus usos e suas feições, numa palavra como o historiador se transforma em contemporâneo de todas as épocas; ver ainda tudo o que o viajante e o explorador viram e passar nos próprios locais onde eles passaram; ver a terra inteira girar diante de vós, enquanto vós procurais desvendar os seus variados aspectos terríveis e agradáveis; ver nos flancos das montanhas nevadas o homem curvado sôbre o cairel do abismo, ou nos mares dominando a tempestade, ou nos ares desferindo um vôo de águia; ver no azul dos céus as constelações lucitremes de estrelas; ver no fundo dos oceanos, na obscura floresta das algas, os antros inacessíveis dos monstros marinhos; ver, emfim, tudo o

que pode vê-se de real ou imaginário e tudo animado pelo movimento que dá a ilusão da vida; adivinhar de qualquer maneira como vidente a quem nada está occulto, que se encontra em toda a parte, que é de hoje, de ontem e pôde ser de amanhã: vidente nunca saciado de ver, recolhendo da diversidade imensa de espectáculos, uma diversidade igual de prazer. Lindo sonho! E qual é o homem que não teve ainda este sonho no qual todos podemos reconhecer a marca da nossa origem, sendo filhos dum Deus que poz o reflexo da sua visão infinita na infinita curiosidade dos nossos olhares?

Pois este é o sonho que o filme cinematográfico tende a realizar e envolve o nosso planeta numa rede renovada continuamente na sua feeria projectando os seus lumes reveladores através da escuridão da antiguidade mais longinqua. Sim, quem quer que tu sejas, sábio ou ignorante, mulher ou criança, se tens curiosidade de ver o que sômente até agora lograram ver as gerações desaparecidas ou os infatigáveis pioneiros das descobertas científicas, tens na maravilhosa invenção do cinematógrafo a realização do teu desejo. Não terás mais, para satisfazer a tua curiosidade do que tomares assento num «fauteuil» e olhar com os teus olhos.

...Os olhos do homem são as janelas da intelligencia abertas sôbre o mundo exterior. São os olhos que vêem mas é a intelligencia que recebe a lição do espectáculo. Portanto, criadores e «metteurs-en-scène» de todos os dramas e histórias destinados a milhões de espectadores vêde bem que todas essas imagens impressionarão tantas e tantas retinas apontadas para o «écran» e gravarão profundamente nos espíritos, ideias, desejos, esboços de aventuras de que dependerá muitíssimo a orientação boa ou má do seu destino. E' certo que o cinema, como o romance e o teatro, não pode privar-se das emoções provocada pelo crime; mas, ao menos, que o assassino mantenha a figura odiosa que lhe compete. E' necessário que o roubo e o assassinio se apresentem aos olhos da criança com todo o seu horrível e que não despertem o entusiasmo dos belos actos de audácia. Fazei, pelo contrário, que a magia das scenas de viagens, de história ou de mera ficção possa excitar nas imaginações juvenis o amor da abnegação, da coragem nobre, da virtude e da beleza».



Bispo de Arras

Fui astro por amor à aventura

HA gente que se dedica ao cinematografo para ganhar dinheiro, outros para pôr em prática concepções geniais, e outros ainda para conseguir fama. Nenhum destes foi o meu caso. Não me dediquei ao cinema para obter dinheiro, arte ou fama mas tão sómente por espírito de aventura.

Durante toda a primeira parte da minha vida, quer trabalhando numa oficina de Wall Street, quer desempenhando as funções de reporter à caça de notícias bizarras e sensações extranhas, a aventura foi sempre o meu anelo. Buscava-a nos bairros mais reconditos de Nova York e em varios pontos da Europa que até então desconhecera. Não a encontrei ali, e, porisso, me dediquei ao palco. Mais uma vez vi frustrado o meu plano. Mas como poderia satisfazer o meu anseio aventureiro a repetição diária dum papel de teatro?

Um dia, um desconhecido procurou-me no camarim. Era D. W. Griffith, cujo maravilhosa película «O nascimento duma nação» estava alcançando um exito sem precedentes em todos os cinematografos dos Estados Unidos. Eu tinha visto essa produção quatro vezes seguidas porque era diferente de tudo o que até ali se fizera no género.

D. W. Griffith não perdeu tempo com preliminares:

—Porque não se dedica você ao cinematografo?— perguntou-me ele.

—Tentaria se você dirigisse a película— respondi eu sem perder tempo tambem.

— Aceito — disse sêcamente e retirou-se após um brevisimo aperto de mão.

No dia seguinte assinámos o contracto. Eu estava encantado, pois supunha ter encontrado um formoso campo de aventuras. E assim foi. Até hoje, o genero aventureiro tem merecido sempre o meu maior interesse no trabalho de impressão. E' o único género de filmes que pode proporcionar-me uma impressão real. E, posto que não tinha encontrado ainda uma aventura retumbante em toda a minha vida, trato de procurá-la nas películas, embora sem o exito completo.

por *Douglas Fairbanks*

O trabalho no «studio» de Hollywood provoca-me com freqüência o veemente desejo de o abandonar para sempre e ir iniciar uma vida completamente nova noutro país; estender-me numa praia; crestar-me de sol; cavalgar sem selim nem freio, através das selvas sem fim; vaguear, na escuridão da noite, pelas ruas estreitas e tortuosas dalguma antiga cidade europeia; consagrar-me, em suma, aos desportos — e

longe, muito longe dos «studios» que nada de novo me podem dar. Mas não posso satisfazer os caprichos da minha fantasia porque o público, o ídolo de milhões de rostos, pede insaciavelmente novos filmes. Os palacios do cinematografo nas grandes cidades, ou as proprias barracas que exibem filmes nas

mais

afasta-

das re-

giões do Ex-

tremo Orien-

te, ou onde quer que a civilização tenha entrado, mostram por igual a sua fome ante o quotidiano alimento cinematografico.

Além disso, quando Charles Chaplin, Mary Pickford, Griffith e outros constituimos a nossa «United Artists Corporation», cada um de nós se comprometeu a contribuir com a sua parte individual na obra comum.

Eles, como eu proprio, deviam ter os seus momentos de hipocondria, os seus desalentos, as suas horas negras em que o dinheiro e a fama nada valem comparados com a alegria da liberdade, mas cumpriram a sua promessa. Cabia-me portanto saber cumpri-la tambem. Continuei, por con-



Douglas Fairbanks no «Gaúcho»

seguinte, com as minhas películas, buscando sempre a aventura sem a ter encontrado nunca. Mary Pickford, que trabalha desde a idade de cinco anos no cenário teatral seguindo depois para o cinematógrafo, procura por sua vez, encontrar nos filmes a felicidade da meninice que não chegou a gosar.

Cada vez que realizo um filme, trato de expressar uma ideia ou um princípio: a «moral do conto» como lhe chamam os poetas e os prosadores. No filme «O ladrão de Bagdad», por exemplo, a ideia consiste em que «se um jovem aspira á felicidade ou á prosperidade tem de lutar por ela, e só a alcança se fôr perseverante». Não quero dizer que, na realidade, sempre assim aconteça. No entanto, o princípio é verdadeiro e se o homem o puzer em prática, chega provavelmente á méta desejada.

Eu não represento os meus papeis. «Vivo-os» em cada detalhe e em cada acontecimento, tendo portanto que traçar os meus proprios scenarios. Não estabeleço nada de antemão excepto o argumento geral. Os detalhes e a côr local ficam ao sabor da inspiração do momento porque são os resultados directos da situação que não devem e não podem ser fixados préviamente. Tudo me resultaria monótono e enfadonho se soubesse o que tenho de fazer futuramente. Portanto, ainda que esboçé ideias para os scenarios, não as apresento em argumentos minuciosamente escritos e concluidos. Posso gostar dum relato quando o leio pela primeira vez, pode ainda agradar-me ao lê-lo pela segunda vez, mas, decorridas uma ou duas semanas, acabaria por aborrecer-me e perder todo o seu interesse.

Um plano detalhado córta-me as azas da inspiração. Seria esplendido trabalhar com um homem como H. G. Wells! Ha tempos, quando me encontrei com ele, sugeri-lhe a ideia de vir a Hollywood colaborar comigo na realização dum filme, visto que só com ele o poderia fazer. Agradou-lhe a proposta, mas declarou não vêr a maneira como eu poderia pôr a ideia em prática.

O método de trabalho que tenho é o único proprio para mim. Cada um tem a sua maneira. O sistema de Charlie Chaplin é tudo o que ha de mais diferente. Chaplin vê uma cadeira, por exemplo.

«— Oh! que linda cadeira! — diz êle — tenho de comprá-la.» E compra-a. Depois diz: «Agora tenho de comprar uma casa para pôr a cadeira.» E vai comprar a casa para a cadeira e em seguida procurar uma vida humana para tudo isso. Só depois de tudo isto é que se dispõe a fazer o filme. Chaplin viu a cadeira e todo o «enrêdo» nasce dali. Um simples detalhe. Ora, para mim, só o conjunto é que vale. Tenho uma ideia e procuro a maneira de expressá-la. Primeiro, o esqueleto; depois, a carne e o sangue.

No entanto, as ideias surgem-me de detalhes e sensações que têm certamente a sua importância própria. Há dois anos fiz uma viagem à Rússia, e, seguidamente, uma outra à Terra Santa.

Atravessei então a Europa e fui a Lourdes, êsse formoso lugar de peregrinações. Quando voltei à América, os dois faróis da minha imaginação eram a Rússia e Lourdes: a fé singela e pura com um ressaibo místico de cavalaria andante. Tomei o rumo do Mexico, onde encontrei tipos pareci-

dos. Aparte isto, congeminei realizar o personagem do vaqueiro mexicano: e «O gaúcho» foi o resultado de tudo isto.

Aventuras! aventuras! aventuras! É isto o que mantém a minha vida e também o que me retém em Hollywood, êste lugar esbanjado onde as películas nasceram. Hollywood é o sítio único para realizar películas cinematográficas. Em Hollywood tudo existe, vive, sente e colabora para as películas. Se vemos um homem com um grande chapéu, sentado a uma mesa com um copo de limonada na frente e somando largas colunas de algarismos podemos estar certos de que está estabelecendo o orçamento duma película. Porque brilha o sol em Hollywood? Para os impressores de películas. Porque encapela o mar as suas ondas? Para os impressores de películas. Para que nascem as crianças? Para que crescem em abundância as plantas? Para as películas e só para as películas. Até os namorados que se sentam á luz da lua não falam de amor mas de películas. Milhares e milhares de homens activos, gente ambiciosa, americanos, ingleses, alemães, franceses e húngaros, espanhóis, chineses e negros, tudo converge a Hollywood para fazer películas.

Essa união de forças, como é natural, realiza a eficácia perfeita que também tem o seu reverso. Pois se todos os seres humanos de Hollywood têm quasi as mesmas ideias nas suas mentes — os mesmos impulsos, os mesmos desejos e os mesmos pensamentos — é impossível escapar à monotonia. Os cérebros acabam por fátigar-se vendo as mesmas coisas, e a provisão de ideias novas e de novos impulsos parece ter-se exgotado. Quando me sinto cair nas garras dessa fadiga, fujo para a Europa em busca de novas impressões. Na América vivemos num estado de perpétua tensão à espera do amanhã. Na Europa a gente tem tempo de olhar para traz e fixar o que já sucedeu. É uma troca completa de atmosfera que sempre me resultou favorável.

Não me agrada a investigação sistemática. Prefiro deixar ás coisas a probabilidade de atrair os meus olhos e os meus ouvidos que permanecem abertos para se apoderarem delas quando me aparecem. Agrada-me a convivência de artistas teatraes de talento como Reinhardt, em cuja companhia tenho encontrado frequentemente gente de ideias. Estas, no entanto, têm de não ser muito novas para o meu ponto de vista pessoal.

Em arte, receei sempre as ideias revolucionárias, porque contêm uma demasiada teoria, tornando-se, em geral, muito más na prática. Todavia, as inovações técnicas são sempre bem recebidas, porque ajudam a desvanecer a impressão do anacronismo.

O esquecimento destas regras é talvez a razão porque alguns excelentes directores não tenham conseguido fazer justiça a si mesmos. Assim, por exemplo, o talento de Griffith parece dormir de há tempos a esta parte. Todavia, todo o mundo tem os seus erros. Tem-nos Charlie Chaplin, tem-nos Mary Pickford e tenho os eu também. Porisso, quando o meu cérebro está cansado, enverêdo pelos desportos: pratico a esgrima, nado, cavalgo, guio automóveis, subo em aeroplano e viajo sempre para voltar a estar disposto mental e corporalmente — e tudo isto para tornar a seguir a minha eterna caça atrás do único sonho da minha existência: — a Grande Aventura.

DOUGLAS FAIRBANKS

O PIRATA NEGRO

DISTRIBUIÇÃO DE:

J. Castelo Lopes, Ltd.

INTERPRETES:

Douglas Fairbanks

Billie Dove	Anders Randolph
Tempe Pigott	Charles Stevens
Donald Crisp	John Wallace
Sam de Grasse	Fred Becker



É uma película em que Douglas Fairbanks trabalhou varios anos. Era mesmo tenção deste artista filmar «O pirata negro» antes de «O ladrão de Bagdad», mas a sua confecção exigia investigações tão minuciosas que, para se respeitar a verdade historica, se reconheceu a necessidade de proceder a estudos preliminares.

Não podia Fairbanks ficar satisfeito com uma fiel realização de semelhante assunto. Se era de relativa facilidade o arranjo da indumentaria, restavam muitas outras coisas cujo perfeito conhecimento implicava demoradas investigações, como os costumes dos piratás, a sua forma de vida quando não praticavam o roubo, a sua maneira de combater. a gerarquia dentro dos barcos, os aparelhos e respectiva mecanica dos barcos do seculo XVII, a vida das honradas gentes de mar que não praticavam a pirataria...

Foi necessario, pois, construir os barcos. contratar os mais habéis aparelhadores, pedir um grande numero de objectos a museus e colecções privadas, fazer verdadeiras exumações de armas antigas, etc., etc.

Terminada a filmagem de «O

Pirata Negro», Douglas ficou satisfeito com a fidelidade da reconstituições.

A película vibra com a arrogante jactancia dos filibusteiros, e impressiona com o pavor das sangrentas abordagens.

Neste fundo pinturesco, uma novela de amor de grande interesse patetico ameiga o motivo principal e um romantico desenlace põe um ponto final à brilhante narração de temerarias façanhas.





Constance Talmadge e Louis Mercanton no decorrer da filmagem de «Venus», o primeiro filme realizado na Europa pelos «Artistas Associados»

Paris, 22 de Novembro

O sr. Wengeroff está em Paris, e não como simples turista. O sr. Wengeroff é um homem de negócios, um dos maiores produtores de *films* cinematográficos da Alemanha. Como a grande maioria dos industriais do seu país, o sr. Wengeroff não é moralmente um mfope. As suas vistas são largas, os seus projectos são vastos, como é firme a sua vontade para os realizar.

Esses projectos constam das declarações feitas pelo sr. Wengeroff à imprensa desta capital e que podem resumir se assim:

«O meu trabalho consiste em constituir entre os principais países produtores uma *entente* para realizar em comum um certo número de *films*. Para isso organizei já três « blocos » e penso organizar outros. O primeiro desses « blocos » é o Albatros-Wengeroff que *tourne* actualmente *Cagliostro*, *mise-en-scène* de Richard Oswald, sob a direcção do sr. Kamenka, com uma distribuição compreendendo grandes artistas alemães e várias vedetas francesas. O segundo « bloco », Max Glan-Wengeroff,

A «CINE» EM PARIS

Os Estados Unidos da Europa cinematográficos ou os blocos do sr. Wengeroff, industrial alemão

prepara neste momento dois grandes *films*; o primeiro tem por título *Le Bateau des Ombres perdues* e será « realizado » na Alemanha. O segundo, que será uma adaptação de *Tzigane*, de Pouchkine, será « produzido » por Taïroffun, *metteur-en-scène* russo, que *tournera* em França a maior parte desse *film*. O terceiro « bloco », o mais importante de todos, resulta dum entendimento entre o sr. Louis Aubert e eu. Temos trabalhado na *mise en route* de três *films*, cujos assuntos, títulos e intérpretes serão designados logo que o sr. Aubert regresse da América, depois do que procurarei fazer novas combinações com sociedades italianas, inglesas e outros. Afigura-se-me que a melhor maneira de lutar contra a invasão de *film* americano será realizar graças aos esforços de *trusts* poderosos, alguns bons *films* europeus.»

Assim, a primeira manifestação prática desses Estados Unidos da Europa que os políticos pacifistas ambicionam será realizada pelo cinematógrafo. A concepção, sob o ponto de vista industrial, parece inatacável. Sob o ponto de vista político é plena de promessas. Falta saber, sob o ponto de vista artístico, o que dará.

Uma das edições do *Ami du Peuple* (a folha a dois *sous* do sr. Coty), que regista os projectos do sr. Wengeroff, acrescenta-lhes a seguinte saborosa informação: «O sr. Abel acaba de vender a um *metteur en scène* alemão, o sr. Lupu-Pick, que está actualmente em Paris para o acto da entrega, o fim do *scenario* de *Napoléon*. E é o actor Werner Krauss que personificará o Imperador!» O que torna perfeitamente possível que vejamos um dia qualquer coisa como a reconstituição da assinatura de Versailles com um sobrinho do sr. Stresemann no papel de Clemenceau...

PAULO OSORIO



A MULHER AMADA QUE NUNCA AMOU NINGUEM

POR GOMES MONTEIRO

CLARA Bow é hoje a actriz mais popular de todo o Hollywood, a mais querida, a mais cauniada e a que mais produz. E tudo isto porquê? Porque tem mais talento do que todas as outras? Porque é a mais formosa? Não. Mais talentosas são Dolores Costello e Greta Garbo, e mais formosas são Billie Dove e Corinne Griffith. Porquê então? ... Sabe-se lá...

Clara Bow é uma flôr de perversidade, cujo aroma é embriagador e venenoso. É uma fascinadora de maus instintos que, depois de ter brincado aos amores com varios homens, se apaixonou por si própria. É o egoismo personificado que abusa da força atractiva de que dispõe, levando alguns românticos ao suicidio. Brinca com os homens com a graça felina duma gata brincando com um rato que termina sempre por devorar. Ama o luxo, os prazeres, contempla-se desvanecida ante o espelho durante horas e tem orgulho nas 35.000 cartas amorosas que recebe mensalmente dos seus namorados de todo o mundo.

Nasceu ha vinte e dois anos no bairro de Brooklyn em Nova York, num berçoso de trapos. Seu pai, um pobre carpinteiro, fazia recados nas horas vagas para conseguir manter o seu lar miseravel Sua mãe, uma pobre doente, vivia divorciada moralmente do seu marido, ao qual nunca conseguira amar. Filha dum casal tão desgraçado, embalada num lar onde o pão e o amor nunca sobraram, Clara Bow tinha de revoltar-se na vida e adquirir a insensibilidade cruel ante as maiores desgraças humanas.

Um dia, realizava-se em Nova York um concurso de beleza, surgindo milhares de jovens formosissimas dos 49 Estados da União. Amon-toaram-se ali os mais belos tipos femininos: loiras, morenas e ruivas, olhos azuis, negros e castanhos, figurinhas estilizadas de sonho, verdadeiros «bibe-lots» de porcelana, miniaturas de esculturas gregas, impecaveis de formas e animadas pela graça da juventude... O juri hesitava na escolha... Foi então que apareceu Clara Bow, pequenina e garota, ostentando uma madeixa de cabelos sobre a fronte

voluntariosa. Não era a mais bela, mas era a fascinadora irresistível. Sorria, e o seu sorriso tinha o poder maravilhoso de convencer o próprio Páris na escolha que tivera de fazer para dar o pômo aureo á mais formosa deusa. O juri cedeu e Clara Bow triunfou entre essa multidão de mulheres mais lindas do que ela. Entre a assistencia encontrava-se um empresario cinematografico que lhe propoz contrato. Clara aceitou e partiu, acto continuo, para Hollywood, onde, contrariamente aos seus calculos, teve de suportar as amarguras e as privações de todos os «extras». Fora-lhe dado um papelito modesto num filme de Billie Dove e dali não passara. Entregue ao seu destino, não conhecia ninguem na capital do cine que a pudesse guiar ou auxiliar. Quando visitava os «studios» a oferecer os seus prestimos, perguntavam-lhe: «Tem alguma experiencia do cinema? Já figurou nalgum teatro?» E, como respondesse negativamente, diziam-lhe sempre por forma invariavel: «Hoje não temos nada para si».

Ferida no seu amor próprio, desdenhada pelas que tinham conquistado o plinto da celebridade e da fortuna, batida pelas privações mais atrozes, soube esperar, soube sofrer, soube ser perseverante.

Triunfou, por fim. Estreou-se definitivamente no filme «Down to the Sea in Ships» que constituiu um exito retumbante. Estava lançada a sorte. Nessa altura, um dos mais illustres criticos de Hollywood, referindo-se a Clara Bow, dizia: «Ha pessoas que possuem na vida um tal encanto, um «não sei quê» que dá a impressão duma tunica maravilhosa que atrai a simpatia. Quando se não tem esse «não sei quê» nada se consegue, mesmo á força de beleza e de talento; mas, quando ele aparece, tudo se realiza, tudo se conquista, tudo se domina.»

Ora esse «não sei quê» é toda a historia de Clara Bow. Vieram depois outros filmes: «A sêde de viver» com Adolphe Menjou e Alice Joyce, no «Sedutor!» com Eddie Cantor, no «Paraizo proibido», na «Fugitiva», nas «Azas», no «Aquila» e e em dezenas de trabalhos, visto que Clara Bow chega a produzir duas e três peluculas por mês.

Quanto á sua vida amorosa, poderemos afirmar que tem provocado mais paixões do que filmes tem produzido. As vitimas são numerosas. Citaremos algumas delas, começando pelo simpatico Gilbert Roland que tem fama de ser o mais perigoso Don Juan de todo o Hollywood. Gilbert, cujo primeiro nome era Luiz Alonzo, dera logo nas vistas. Mexicano de raça, entrara arrogantemente nesse viveiro de mulheres formosas. Trabalhou com Clara Bow no filme «A idade plastica» e enamo-

raram-se. Este idilio durou pouco em virtude do caracter leviano de Clara e dos ciumes terriveis do rapaz. Tempos depois, corria com insistencia a noticia de que a artista estava comprometida com o director de scena Victor Fleming. Todavia, o casamento não se realizou. A noiva, dando largas ao seu capricho indomavel, disse, certo dia, ao seu apaixonado:

— Victor, posso acreditar no teu amor?

— Mas absolutamente. E's o meu sonho de todos os instantes.

— Prova-mo.

— Mas como? Ordena e obedecerei.

-- Beija-me.

O noivo enlaçou aquele corpo coleante de fascinadora e depoz o mais ardoroso beijo nos seus lábios rubros.

— Não me serves — respondeu Clara com desdem — o teu beijo não foi dado com amor verdadeiro. Foi um beijo frio, um beijo-cerimónia, um beijo-convenção, um beijo como tantos outros... De resto, tu estás velho. Victor... estás no outono da vida.. Continuaremos a ser bons amigos e nada mais.

E o casamento desfez-se.

Veu depois Gary Cooper, um forte arrojado e esbelto «cow-boy» que, tendo ingressado no cinema, se deixou prender nas garras da formosa pantera.

Meses decorridos, aparecia Bob Savage que, ante a negativa de Clara Bow, após lhe ter doirado a vida com promessas, cortou as veias dos pulsos, tendo estado entre a vida e a morte.

Outros seguiram e muitos outros seguirão ainda. Todavia, de todas estas aventuras sentimentais, o coração de Clara Bow tem saído ileso e invulnerável. Há dias, fez uma afirmação sensacional que provocou escândalo em toda a América.

«— Não penso em casar-me por agora — disse a diabólica tentadora — e, no entanto, o meu escolhido existe. E' um homem casado que me adora e que, felizmente, desconhece que eu gosto d'ele. Como não quero dar causa ao desmoronamento dum lar, aguardarei que esse homem se liberte por qualquer circunstância fortuita. Nessa altura, se ainda estiver da mesma opinião, conquistarei finalmente o meu Adonis, o único senhor do meu amôr».

Esta afirmação oculta um requinte de malvadez. Velada no mistério, foi espalhar o sobressalto em quasi todos os lares de Hollywood, foi ferir perversamente todas as esposas amantíssimas que possam vêr nos seus maridos o alvo que a tentadora pretende visar no momento oportuno...

Hollywood.

FILM

Chorar as próprias lágrimas...

EMIL Jannings sendo um dos mais talentosos artistas de cinema é, também, dos mais conscienciosos. Cuida meticulosamente das personagens que encarna, a ponto do mais insignificante pormenor lhe causar uma preocupação incompreensível para muitos dos seus camaradas, certamente convencidos de que o talento supre o trabalho e de que, sobre a fama, é lícito dormir um sono tranqüilo de abade. Á sombra dum castanheiro.

Jannings, se o papel lhe exige que chore, chora. Mas como? — inquirirá curioso o leitor

Esfregando os olhos até provocar as lágrimas! E tanto chorou que adoeceu, sendo forçado, por conselho médico, a permanecer num quarto escuro durante duas semanas

Quem sabe se, nesse período de doloroso tratamento, Emil Jannings não chorou autênticas lágrimas... de arrependimento!

Saudades da pátria...

HOLLYWOOD, a metrópole do cinema, é uma autêntica Torre Babel, pois que ali se encontram representados todos os povos e todas as raças, e se falam, por consequência, todas as línguas.

Mas conseguir-se-á fundir todos aqueles povos num só povo, americanizando assim aquela autêntica Cosmopolis?

Segundo afirma Jim Dooley, que possui na Cinelandia um importante negócio de venda de jornais de todos os países, os ar-

tistas estrangeiros têm, em alto grau, a nostalgia das suas pátrias.

Greta Garbo, tão admirada entre nós como «wamp», Lars Hansen e Nils Aster assinam quasi todos os jornais e revistas de Estocolmo; Ramon Novarro e Raquel Torres absorvem-se, durante os intervalos do seu trabalho, na leitura de publicações espanholas.

Eva von Berne, chegada recentemente de Viena, é das que sente uma saudade mais viva da sua cidade tão pitoresca e musical, motivo porque é a detentora do *record* entre os artistas que maior número de publicações assinam.

Não deixa de ser curioso constatar-se que os artistas estran-

geiros encontram nessa leitura a impressão mais funda que podem receber da pátria abandonada por um sonho de glória e uma chuva de *dollars*...



Louise Lorraine e o cão «Flash»

A vida e o cinema

No cinema, como na vida, vêem-se, muitas vezes, forçadas a conviver criaturas que se detestam até ao mais implacável dos ódios.

Ultimamente, num *studio* qualquer um *metteur-en-scène* viu-se obrigado a contratar um homem de sessenta anos, que tinha um filho natural de vinte.

Interpretariam ambos um personagem que, a certa altura do filme, envelhecia quarenta anos. O seu parentesco, daria, pela semelhança física, uma ilusão perfeita ao espectador. Unicamente, pai e filho, não podiam tolerar a presença um do outro.

Um dia o pai procurou o *metteur-en-scène* e disse-lhe:

— Não posso suportar a presença desse miserável que se proclama meu filho. Se o senhor pretende que eu continue trabalhando no seu *studio* tem de me evitar a presença daquele patife.

Resposta zombeteira do *metteur-en-scène*:

— Que culpa tenho eu de que se encontrem no mesmo lugar pessoas que no argumento do meu filme estão separadas por quarenta anos de distancia?

Não me cabem, portanto, responsabilidades no que se passa...

Charlot vencedor dum concurso de imitações

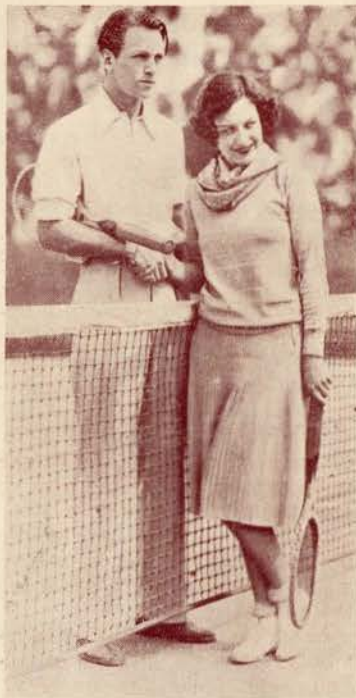
Numa *soirée* dada recentemente em casa da formosa artista Dorothy Revier, foi improvisado, a meio da noite, afim de animar o serão — um concurso de imitações.

Prestadas as necessárias provas, por cada um dos concorrentes, foi proclamado vencedor Charlie Chaplin.

O genial artista apareceu metido num largo sobretudo, com a gola levantada, tendo colocado um almofadão nas costas, a dar a ideia duma concubina. Um chapéu de abas largas, enfiado até às orelhas, completava a indumentaria do gracioso imitador. Caminhando quasi de joelhos e mostrando na cara torcida uma expressão trágica, Chaplin apresentava-se como a imitação mais perfeita de Lon Chaney.

As garras gentis de Joan Crawford

Joan Crawford, nome que — Deus nos perdoe — parece de homem, pertence a uma formosa morena, que foi, em tempos, bai-



Douglas Fairbanks Junior
e Joan Crawford

larina no Winter Garden, de Nova York. Um dia, os produtores de Hollywood foram desencantá-la e levaram-na, não tardando a transformá-la uma estrela. Pode chamar-se-lhe muito justamente a «vampireza dos donzeis». De entre a infinidade de jovens românticos e olheirentos que se perderam por essa mulher terrível, citaremos Tommy Lee, filho dum humilde funcionario californiano Mike Caudaly, filho dum opulento toucinheiro de Chicago.

Agora foi Douglas Fairbanks que lhe caiu nas garras, não obstante a tenaz oposição de seus pais. Enfeitiçou a sua pobre vítima, para o despertar, qualquer dia, com uma das suas gargalhadas que ferem o tímpano e dilaceram a alma.

O castigo dum Príncipe

Os Príncipes, tantas vezes acusados de cercearem a liberdade dos povos, são, afinal, e como vai vêr-se, os maiores escravos.

Encontrando-se de viagem na America do Norte, a bordo do cruzador «Durham» e na qualidade de oficial de marinha, o príncipe Jorge, filho segundo dos soberanos ingleses, deixou-se atrair pelo mistério dos *studios* e fez-se de longada até Hollywood, a Mecca do cinema. Uma vez ali, o contacto com a beleza estonteante das tantas estrelas que encontrou perturbou o jovem Príncipe que, sentindo-se bem, deixou-se ficar, embriagado pelas delicias de tão agradável retiro.

O Príncipe esperava os seus prejuizos — e procedera como qualquer mortal...

O peor foi o resto. Dois dias depois, quando regressou ao navio, o Príncipe foi punido com trinta dias de detenção. A sua folha de castigos rezava assim:

«Castigado com trinta dias de detenção por se haver ausentado para Hollywood, onde passou dois dias em companhia de varias artistas».

Devemos concordar em que a punição é demasiado severa para tão ligeiro crime.

Os jornais não se teem poupado a comentários, relembando, a proposito, as estroinices da juventude do Rei Eduardo VII, que nem por ter tido uma moicidade agitada e aventureira, deixou de ser um grande Rei.

Luisa Fazenda em papeis aristocraticos

Luisa Fazenda, conhecida como uma das mais graciosas comediantes da arte do silencio, fará na pellicula «Oout Cast», de Corinne Griffith, o papel duma aristocratica ingleza, exhibindo-se com «toilettes» régias, adornada de ricas joias.

Luisa Fazenda, que o publico tem visto e apreciado no desempenho de papeis comicos, apresentar-se-ha agora sob a forma duma dama da alta estirpe, e fá-lo-ha, por certo, com o mesmo «chic» e desenvoltura que tem celebrizado tão famosas artistas em identicas criações.

Maria Prevost na arte e no amor conjugal

Jorge Pyper está preparando um grandioso filme baseado numa nova historia da vida dos Mormons, assunto este que jamais foi explorado no cinema.

Poucas fases existem na historia norte americana, tão pitorescas e interessantes como o exodo desta gente, desde a sua terra de origem, Nauvoo III, através do Continente, até á sua residencia de Salt Lake City.

Maria Prevost desempenhará o papel principal nesta produção epica, que será custeada pela Camara de Comercio de Salt Lake City constituido uma das mais aparatosas peluculas até hoje impressionadas.

A gentil artista vai ter pois um excelente ensejo de por á prova toda a maleabilidade do seu talento, e estamos certos de que alcançará um exito completo.

Maria Prevost acaba de reunir-se de novo a seu marido Kesmeth Hallam fazendo com ele uma vida tão feliz como se estivesse nos primeiros dias do noivado.

Prova-se assim que Hollywood com seus divorcios, separações, intrigas, historias e comentarios de toda a especie, alberga tambem grandes e solidos amores que, como sol radioso e vivificador, depressa apagam os estragos das grandes tempestades do coração.

Greta Garbo e Jannings aprendem inglês

SOB a ameaça de perder a sua comodidade norte-americana e deixar o bom clima da California, o grande actor Emil Jannings obrigou-se a estudar inglês com uma dedicação exemplar junto dos melhores mestres. Apesar disso, Jannings não conseguiu desembaraçar-se do seu acento alemão. Ora, a Paramount, compadecida, fez concessões, modificando o enredo de «Os pecados dos pais», aparecendo Jannings nesse filme como um alemão autêntico. Assim, resultará muito natural o acento germanico captado pelos microfonios.

Greta Garbo, para não perder o título de «mulher mais languis-

da dos Estados Unidos» seguiu o exemplo de Jannings e está apta a declamar no idioma de Shakespere entre a voluptuosidade dos beijos e dos olhares.

A aviadora Ruth Elder, no Far West

LOGO que terminou o seu papel de «leading-lady» junto de Richard Dix, a gentil Ruth Elder que «quasi» atravessou o Atlantico, foi contratada para os estudos da Universal, para acompanhar a Hoot Gibson numa película que, como todas as deste artista, decorre nas selvas do Far West. Calcula-se que para fazerem realçar a popularidade aeronautica de Ruth, um avião evolucionará entre cavalos e «cow-boys», acabando Gibson por caçar o aparelho a laço.

O telefone de Gloria Swanson

O numero do telefone de Gloria Swanson não figura definitivamente na lista de Hollywood. Para se livrar de massadores, Gloria fez um contrato com a Companhia, pago suplementarmente, mediante o qual lhe mudam de numero dez vezes por mês, ou seja de três em três dias.

Assim, só os muitos intimos podem ter o prazer de fazer vibrar a campainha do telefone da brilhante estrela.

Os caprichos da moda em Hollywood

As estrelas de Hollywood continúam a dar leis sobre modas a todo o mundo, sem, contudo deixarem de ser as escravas des-



Ruth Elder

sas mesmas modas. No Hotel Baltimore surgem as mais famosas artistas luzindo formosos vestidos de noite, predominando o escuro, pouco decotados, com grandes laços de seda nas costas. Luísa Brooks leva um vestido negro de seda com bordados de Veneza e um ramo de flores artificiais, tocando quasi no chão. Em compensação, do lado esquerdo, o vestido deixava ver o joelho. Os trajos de sport ostentam desenhos a cores representando insectos e animais de peso, desde a pequena mariposa ao magestoso paquiderme.

Menjou substituído por Chevalier

Parece que, no ano proximo, Adolphe Menjou abandonará Hollywood para filmar varias peluculas em Paris.

E assim como Olga Baklanova será a sucessora de Pola Negri dentro da Paramount, o cantor francês Maurice Chevalier, que deve chegar dentro em breve a Hollywood, tomará o lugar que Adolphe Menjou vai deixar vago.



OS GRANDES FILMES: «AZAS»

Interpretes principais: Clara Bow, Charles Rogers e Richard Arlen

DE todos os filmes que nos episódios da Grande Guerra encontraram a razão do seu êxito, «Asas» marca o maior triunfo, segundo as autorizadas opiniões dos críticos cinematográficos da imprensa americana e europeia. A justificação deste invulgar triunfo, encontramos na inextinguível perfeição de todos os seus factores técnicos, na espectacular grandeza das suas cenas bélicas, e sobretudo, como motivo fundamental, na utilização da aviação, o mais poderoso elemento das modernas guerras.

Combatendo na vastidão dos ares, lançando bombas, protegendo os ataques da infantaria ou agindo em missão de reconhecimento, os aviões, ao cruzarem o espaço em longo vôos ou em curvas caprichosas, parecem aves gigantes, movidas pelo louco bater de asas potentes!

Em «Asas», o filme que consagra o exército do ar, perpassa a vida dos aviadores, desde os momentos felizes e descuidados do descanso até às lutas homéricas do espaço. Nos grandes lances emotivos ou nas cenas amorosas do seu fio sentimental. «Asas» desperta sempre grande interesse, como se verifica pelo grande número de exhibições que esta película teve nas principais cidades da América e Europa.

«Heróis do espaço» é um documentário em duas partes, que forma programa com «Asas».

Nesse documentário que historia a vida e desenvolvimento da aviação, passam todas as grandes figuras que a conquista do ar imortalizou: Santos Dumont, De Pinedo, Gago Coutinho, Sarmiento Beires, Lindberg, etc., etc. Para terminar, diremos aos nossos leitores que este magnífico programa se está exibindo desde o dia 3 no Tivoli.



Charles Rogers e Richard Arlen

Léa Niako

..... e o

c i n e m a



do-nos para a vida intensa dum mundo novo. Lentamente, o pano sobe e Léa Niako surge abando-

nada, molemente, sôbre um divan. Seu corpo meúdo e frágil vive do relevo de linhas que se descobrem no veu de côr bizarra que a envolve. Em cadências suaves, a musica marca vôos subtis de asas que se abrem para a eternidade — e ela, a dansarina de mágico poder, ergue um braço agora, logo outro, em arabescos singulares.

Ergue-se, por fim, desnudada, precipitando-se no palco, dominada pelo delírio da musica, que a orienta e a faz vibrar. Estátua de carne viva, em cuja Arte há crispações ardentes e ritmos sensuais, exuberâncias plásticas que assombram e aspectos de nevrose que subjagam, Léa tomou já conta de nós, e a nossa alma eleva-se para o culto dela na apoteose fulgurante da sua Beleza. Dansam os nossos corpos com o seu corpo, brilham

AS primeiras notas vibrantes da orquestra fustigamos nervos, despertan-

os nossos olhos com os seus olhos, vibra a nossa emoção com a sua Arte... E quando o encanto se quebra, com o devaneio do último compasso. Léa, humana e forte, fica reinando soberanamente — pelo que nos fez sofrer, pelo que nos fez amar...

A artista, num incidente passageiro da sua existência, viveu já para o cinema. Mas não houve «metteur-en scène» que lhe desse o relevo que ela merecia. Todavia, a grandesa feérica e evocadora dos seus scenários, o poder sugestivo das suas dansas

exóticas e o encanto singular da sua beleza são motivos bastantes de triunfo no écran.

Porque não universalisa Léa Niako a sua personalidade inconfundível, filmando? Ela é, por si só, um argumento — um argumento de triunfo. Sua carne moça, sua arte cheia de humanidade e de grandeza, seu poder inexgotável de criações plásticas — tudo isso teria no écran uma consagração superior à do palco.

Certo, Portugal é um país pobre para cometimentos de tal género. Mas Léa vai entrar em Espanha e de lá buscará a que é em nossos dias a Terra da Promissão — a América. Resolver-se-há a dansarina a filmar, juntando novos louros aos que o publico e a crítica já lhe deram?

Talvez...

B. R.



Lea Niako numa das suas danças plasticas



Maë Murray no filme «Valencia»

O que foi outrora A bela Princesa de M'Divani

M AË MURRAY, rainha do cinema pelos seus méritos artísticos, princesa dos *dollars* pelos seus honorários fabulosos e princesa M'Divani pelo seu segundo casamento nasceu no recuado ano de 1893, o que é grave, muito grave mesmo, para a sua existência de *vedeta*.

No cinema existe um preconceito bárbaro e inexorável: a partir da segunda mocidade o talento desapareceu e, com ele, o interesse do público. Artista que tenha, como ela, atingido os trinta e cinco anos, ainda que na maturidade do seu talento, é arremessada, impiedosamente, para fóra dos *studios*. Só lhe resta a vida do lar, e a vida platónica exclusivamente feita de recordações, salvo se consegue arremeter contra esta sentença iníqua a golpes de talento, como o fez a famosa Mary Pickford que quanto mais se vai afastando dos trinta anos mais as personagens que interpreta se colocam longe, muito longe mesmo da casa, alegre e florida dos vinte.

Sendo os trinta e cinco anos duma artista a decadência, falar de Maë Murray equivale — quem sabe? — a falar duma estrela cuja luz se extinguiu, para sempre, em Hollywood.

Fala-se, portanto, sem receio de escandalisar os seus admiradores tendo pois o que dela se escreve o mérito adorável e indiscutível da sinceridade.

Imitando a *bontade* celebre daquele professor da Universidade de Coimbra que afirmou que o imposto em Roma começou por não existir, diremos que Maë Murray, artista

célebre do cinema começou por odiar o cinema... De facto de Maë Murray odiou a arte muda, a arte que tanto contribuiu para que todo o mundo deitasse abaixo, para falar dela, a prateleira dos adjectivoslouvaminheiros...

A que havia de ser mais tarde a interprete admiravel da *Mademoiselle Minuit*, teve desde muito nova, uma paixão dominante, absorvente: a da dança. Sempre que à porta de sua casa, de sua humilde casa, passavam tercetos ou quartetos de musicos ambulantes, vinha para a rua, obedecendo a um impulso irresistivel, executar, na companhia de outras garotas, as danças mais extraordinarias. Nestas suas exhibições coreograficas, chegava a descalçar os sapatos, considerando-os um embaraço às suas expansões de bailarina insipiente. Sua avó, aludindo a este facto, chegou, um dia, a afirmar, entre indignada e risonha: «esta rapariga é a maior destruidora de meias que existe no mundo».

Aos quatorze anos, Maë Murray conseguindo vencer, mercê da sua vontade tenaz, a opposição dos pais, debutava como artista num modesto teatro de Broadway. Um ano depois trabalhava no célebre *Music-hall Ziegfield Folliies* de Nova York, então em luta activa com outros concorrentes que ameaçavam roubar-lhe o publico. O director de companhia, Edmond Wynn, homem de grande iniciativa imaginou, para aumentar as suas receitas, tornando mais originaes os seus espectaculos, apresentar um *sketch* semi-cinematografico que

tinha como novidade o aparecerem em scena, depois de retirado o ecran, os artistas que tinham participado do filme. Todos os artistas aceitaram esta inovação alegremente; todos menos Mãe Murray que resistiu até ao ultimo momento, acabando, finalmente, por ceder vencida perante a vontade tenaz do empresario. Nasceu desse bizarro sketch a popularidade de Mãe Murray; popularidade que atraiu a atenção dos grandes empresarios de Hollywood, os quais, descendo do seu trôno magestoso de grandes senhores da cinematografia, lhe pediram, quasi com humildade, o favor precioso de aceitar contractos onde estavam inscritas quantias quatro, cinco, dez vezes superiores ás que percebia como artista de music-hall. Mãe Murray recusou obstinadamente, até que a quantia de 1200 dollars semanais a deslumbrou.

Ao contrario da maioria das actuais vedetas que esmolaram a sua entrada em Hollywood, Mãe Murray consumiu uma boa parte da sua energia em se defender de entrar numa arte onde havia vago o trôno que ela até hoje ocupou.

A vida de Mãe Murray no cinema foi, desde a sua entrada, um hino de triunfal apoteose. Os directores das empresas reconheceram, sem relutancia, o seu talento, o publico aplaudiu a e o *metteur-en-scene* Robert Leonard esposou-a.

Este casamento de amor não foi uma união perduravel. Mãe Murray, a quem a ausencia do seu esposo, desde que se prolongasse por algumas horas, causava uma inquietação mortal, acabou por requerer o divorcio... para casar com o principe de M'Divani.

* * *

O primeiro filme de Mãe Murray não decorreu sem peripetias desagradaveis que iam contribuindo para tornar mais profunda a antipatia que ela nutria pelo cinema. E um desses incidentes chegou a assumir proporções graves, pois ia custando a vida á interprete da «Fascination».

A scena representava um barco prestes a naufragar. O mar, porque se tratava de mar autentico, estava tão embrave-



Outra scena do filme «Valencia»



Um retrato de ha dez anos

cido, como se tivesse sido escriturado para representar a serio o papel de destruidor de navios e de aniquilador de vidas, que uma das suas ondas arrastou Mãe Murray. A celebre artista a custo se salvou da morte...

Lisboa conhece e admira Mãe Murray através da famosa realização cinematografica da «Viuva Alegre», não porque seja o papel de Ana Glavary o melhor de todos os que desempenhou, mas por ser o filme de maior exito em que ela tomou parte.

Não vá daqui inferir-se que a sua interpretação foi infeliz. Mãe Murray, artista plena de vivacidade, soube incarnar-se na estouvada e sentimental heroína da opereta de Franz Lehar e dançar magistralmente a inspirada e imorredoura valsa.

Mãe Murray que possui uma filosofia bastante influenciada da sua paixão ardente pela dança fez um dia as seguintes afirmações que devem ser lidas, com curiosidade e até com devoção por todas as senhoras:

«A beleza e a saúde são inseparaveis. Aconselhando a dança como um dos meios de conservar ambas as cosas dou um conselho proveitoso, proveitoso para quem o seguir...

A dança, além disso exalta o sentimento da liberdade. Todas as mulheres que queiram ser saudaveis, esbeltas e livres não podem desprezar esse recurso tão poderoso e tão agradavel».

CRISTIANO LIMA

DEZEMBRO DE 1928

DUAS jovens formosas que surgem ante os nossos olhos pecadores, deslumbradoras, esplendorosas, cheias de encanto e beleza: Liane Haid, a fascinadora dos olhos ternos como poemas orientais, e Anita Page, a encantadora dos bailados fulvos acompanhados com harmonia de beijos. Não conquistaram ainda o lugar culminante da majestade artística, mas foram já proclamadas herdeiras presuntivas dessa realeza gloriosa que, como todas as realezas, obedece ao imutável sistema do «rei morto, rei posto».

Por enquanto, realçam como princesas e encantam como radiosas esperanças... E o público confia no seu esperançoso reinado. Será belo e próspero.

Liane Haid, a já talentosa criadora da «Ilha dos Sonhos» e do «Sonho de Valsa», vai ser apresentada, dentro em breve, pela Ufa nos filmes «A princesa das Czardas», «O favorito no Derby» e no «Viena, um príncipe e o amor!»

Auspicioso é já o começo do seu reinado.. Liane Haid conta com a sua beleza que possui o condão de atraír e fascinar para atingir o triunfo supremo. Se a beleza não é, só por si, factor suficiente para a conquista do exito fotogenico, é, incontestavelmente uma das forças principais para o alcançar.

E Anita Page? Esta começando por bailar junto de Joan Crawford e Dorothy Sebastian no filme «Dancing Daughters», afirma actualmente os seus credits na Metro, onde tem protectores poderosissimos. Ainda ha meses, tomando parte numa película de responsabilidade, foi portadora de joias no valor de cento e cinquenta mil dollars. E' claro que os interessados adotaram as suas precauções contratando quatro habilissimos detectives para exercerem a mais rigorosa, vigilância nos arre-

LIANE
HAID

dores do local onde o enredo do filme se desenrolava. Deu isto margem a que uma artista que disputava o papel, despeitada pela escolha de Anita Page para a referida película, disse se ao vê-la exibir todo esse tesouro de pedrarias: «Emfim, já é uma compensação; não a puderam fazer inteligente, fizeram-na rica!...» Mas, fôsse como fôsse, a jovem artista agradou. Tanto Anita Page como Liane Haid atingirão a magestade artística, porque ambas são bafejadas pelos dons prodigiosos do encanto, da graça e da beleza. De princezas serão elevadas a rainhas. Depois, a

sua obra expandir-se ha pela terra inteira subirá numa apoteose divina e atingirá a vastidão do céu. Será, nesse momento, a sua divinização... e surgirão as estrelas... Fulgirão entre as constelações [cinematograficas e da rão luz, sobre esta terra miseranda. O seu brilho lucitrememente, re-

fendido pelo «ecran», enebriará os namorados românticos que aspiram á paz deliciosa dum lar pequenino, muito humilde, muito branco, onde, á falta de pão, soluçam os rouxinóis e cantem beijos de amor. Abençoadas estrelas! O seu palôr argênteo despertará desejos lubricos no ho-

Duas Belezas Triunfadoras

mem carnívoro, animalizado e tôrpe que prefere á pureza dos lírios a alegria estonteante das papoilas rubras porque estas lhe dão a sensação da carne, num virus venenoso do pecado.

Pecaminosas estrelas!

A sua frialdade marmória tornará mais triste, mais nua e mais gelada a alma do desgraçado que teve a desventura de amar para ser condenado á maldição eterna de sotrer.

Malditas estrelas!

Todo o mundo as contemplará no amplo firmamento que lhe abriram — e correrão lagrimas e brincarão sorrisos.

Mas, um dia, o Tempo, o infatigável acendedor desses luzeiros procederá á sua renovação periodica. E outras estrelas começarão, então a fulgurar...

Sempre assim foi e continuará a ser através dos seculos sem fim.

Liane Haid... Anita Page... duas belezas radiosas que em breve veremos atingir o plinto maximo da consagração... e que, poucos anos depois, cumprindo uma sentença inexorável, veremos banhar de lagrimas a primeira ruga do seu rosto lindo, algemadas cruelmente no seu primeiro cabelo branco!

O Tempo é o velho fundibulario que mutilou os braços á Venus de Milo e decepou a cabeça á Victoria da Samotracia. A beleza não o deslumbra, não o suborna, não o entontece. Quando Diogenes, metido na sua barrica, não reparou na nudez deslumbradora que a formosa cortezã grega lhe apresentava como uma oferta divina, era o Tempo, o decrépito insensível que lhe desviava a atenção para os mundos ignotos da filosofia.

Elevêmos-lhe um cântico, um cântico doloroso de destruição que murmure como um arroio de lagrimas, que suspire como um estendal de saudades! Pobre Liane Haid! Pobre Anita Page! O seu aterrador martirio ha de surgiramhã...

ANITA
PAGE





WILLY FRITSCH

Foto Ufa

de toda a parte

O celebre *metteur-en-scène* Erich Von Stroheim, dirige actualmente a confecção de um filme, cujo argumento ele escreveu, e em que a primeira figura feminina é interpretada por Gloria Swanson.

A acção deste filme passa-se na Alemanha e nas suas antigas colónias africanas. Durante uma das mais interessantes cenas, Gloria Swanson cantará uma canção que será reproduzida com a maior nitidez.

Lien Dyers, que no filme «Espíões» fez um grande sucesso, é conhecido nos meios cinematográficos alemães por «A Mercadoria viva».

Este «sobriquet» funda-se no facto de Fritz Lang, o realizador daquele filme, ter descoberto a artista, fazendo-a filmar e contratando-a por 6 anos.

Como, porém, Fritz Lang só faz um filme por ano e a artista tivesse vontade de trabalhar, resolveu «emprestá-la» a outros estúdios, cujos proprietários metiam na algibeira do empresário da Lien, quantias que ascendem a 18.000 marcos.

Sentindo-se explorada, Lien intentou um processo contra Fritz e o tribunal proclamou a livre do ruinoso contrato.

Este facto, dizem as revistas alemãs, deve servir de exemplo a todos os novos artistas.

O filme falado motivou a reabertura de muitos estúdios de Nova York há bastante tempo encerrados.

Esses estúdios vão trabalhar com artistas de opera opereta e revista que, de dia, não têm que fazer, empregando assim as suas horas livres e auferindo bons proventos. Os filmes sonoros confeccionados em New-York,

sairão muito mais baratos que os feitos em Los Angeles. Na primeira cidade, os artistas trabalharão pelo sistema «au cachet», ao passo que os actores em Hollywood ganham muito e têm contratos assinados.

Nova York propõe-se guerrear Los Angeles, produzindo grande número de filmes falados especialmente pequenas películas, com danças, cantos, números de «music-hall», etc.

O Ministro do Interior da Polónia determinou que os filmes polacos gosem de um abatimento de 10 a 50% nas respectivas contribuições, conforme o seu valor artístico, científico e educativo.

«Lict Bild Bühne», grande revista alemã de cinematografia, informa que a firma francesa Aubert conseguiu a representação de todos os filmes soviéticos em França e conclui a sua informação dizendo que é de prever uma próxima produção cinematográfica franco russa.

As censuras cinematográficas de alguns países da Europa, continuam privando o jornalismo de ver verdadeiras obras de arte.

Em França, cortam-se cenas maravilhosas de alguns filmes soviéticos; na Tcheco-Eslovaquia, é proibida a exibição do esplendi-

do filme americano «As noites de Chicago»; na Hungria, a «Grande prova» não pode também ser passada; na Inglaterra, foi determinado que a maravilha cinematográfica que é «A paixão de Joana D'Arc», não pudesse ser exibida e, por fim, a Alemanha não consente a exibição de um filme desportivo, reproduzindo os exercícios dos «Capacetes de Aço», sob o

Hanni Weisse, a «característica» alemã também brinca com bonecas...



pretexto de que o filme tem um carácter nitidamente militar e ilegal.

O filme sonoro está tomando um espantoso desenvolvimento e merece uma secção especial, a «Crónica do filme sonoro». Eis as últimas novidades:

Em Londres acaba de fundar-se uma Sociedade para a exploração do filme sonoro, com o capital de 160.000 libras; em Berlim, uma organização idêntica se fundou para o mesmo fim, com o capital de 18 milhões de marcos, cerca de 90 mil contos da nossa moeda.

Um actor francês, que marcou brilhantemente o seu lugar nos melhores teatros parisienses, a gloria o bafejava e o mundo pronunciava com admiração as sílabas do seu nome ilustre, pensou em tentar o cinema.

Em vez de procurar um capitalista que lhe permitisse realizar as suas aspirações artísticas, di-

rigiu-se ao proprietário duma das maiores empresas cinematográficas francesas a quem pediu modesta e sensatamente dois logares: o de ajudante de operador e o de comparsa.

Entendia esse homem, que conheceu no teatro noites de triunfo, que a arte muda era bastante complexa para que nela se podesse começar... pelo fim.

Que isto sirva de exemplo a certas pessoas que, em Portugal, se julgam capazes de tudo realizar em cinema, tendo dele os mesmos conhecimentos do que qualquer amator que limita a sua actividade, na arte muda, a pagar do seu bolso um *fauteuil* nas salas onde se anunciam exhibições de filmes sensacionais...

«Alvorada», o filme inglês onde é focado o sublime sacrificio de Miss Edith Cawell, mereceu reparos á Federação dos ex-prisioneiros, mutilados e inválidos belgas, que aprovaram uma moção protestando energicamente contra a forma como o patriotismo belga foi compreendido pelo realizador do filme.

Mr. Clemenceau, o «Tigre» assistiu, há dias, no Madeleine, á exhibição das «Sombras Brancas» um esplendido filme sonoro. O «Tigre» felicitou calorosamente Mr. Freeman, director geral dos teatros da Metro Goldwin.

Deu-se, ha meses, num cinema frances, um incidente bastante pitoresco, que teve um desfecho has-sás agradável para todos aqueles a quem revolta a audacia com que se

fazem as mais graves afirmações.

Representava-se um filme que tinha como protagonista uma vedeta que conta entre nós grande numero de admiradores.

A certa altura um dos espectadores voltou-se para o seu visinho de *fauteuil* e disse-lhe, inopinadamente:

— Fui casado com esta mulher durante dois anos. Era uma megera. De tal modo, pelo seu genio intratavel, me tornou a existencia numa tortura permanente que me vi obrigado a requerer o divorcio. Só então compreendi a razão que levou seu primeiro marido a tomar uma atitude identica.

Um outro espectador levantou-se a protestar indignado:

— O senhor acaba de mentir, caluniando uma grande artista que é tambem uma mulher honesta e sensível.

— Quem é o senhor,? — inquiriu o que se inculcára como segundo marido da vedeta.

— O seu segundo marido —olveu o interpelado serenamente.

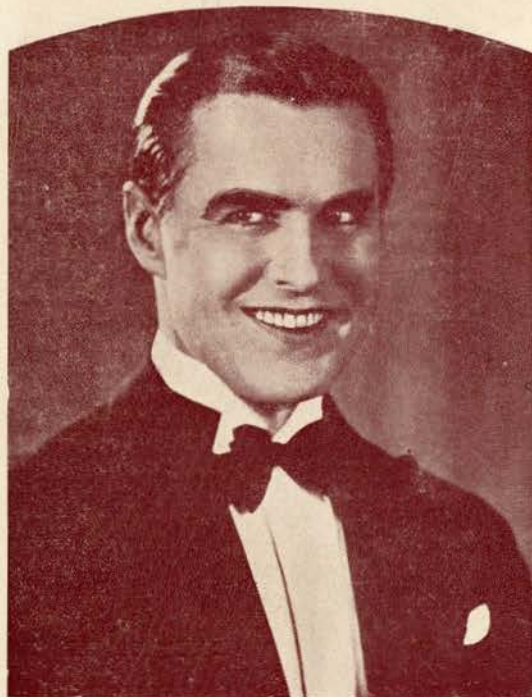
De todos os espectadores em tomo, que escotavam este dialogo, rompeu uma gargalhada espontânea e prolongadíssima.

Quando o mentiroso se retirou, acossado pela troça, o que o desmascarára sentou-se sorridente... sorridente porque nunca fôra casado com a vedeta em questão, por varias razões e, entre elas, a de nunca lhe ter falado...

O próximo filme de Charlot, «As luzes da Cidade», será semi-falado. Ouvir-se-ão nele alguns diálogos, mas Charlie Chaplin recusa-se a falar para o público.

Depois da formidável «Sinfonia de uma grande cidade», Walter Rutman vai realizar a «Melodia do Mundo». filme falado que terá como protagonista o grande actor russo Rowal Samborski.

John Barrymore vai fazer a sua primeira película falada, com a «Debureau», adaptação do velho empresario David Belasco, que preparou para o cinema a peça teatral que tem sido representada com o mesmo titulo.



Paul Richter

«LAS chicas de Velasco», como vulgarmente diziam os jornais, referindo-se ao grupo de 2.^{as} tiples daquela organização teatral que durante uma escassa meia duzia de noites se exhibiu no Coliseu, abandonaram a scena, após terem procurado deslumbrar os alfacinhas com uns pobres trapos de lhamma, já sem brilho e descoloridos.

Foi de mistura com elas que subimos a pequena escada que dá acesso aos camarins Izabelita Ruiz esperava-nos já. A entrevista havia sido previamente combinada

A sua «doncella» como em Espanha chamam ás mulheres que auxiliam as artistas a vestir-se para a scena, anunciou-me e pouco depois Izabelita Ruiz, figurinha de recorte

delicado, já vestida para o seu bailado «Sueño» um dos poucos números bons da «Orgia dorada», estendia-nos a sua mão muito esguia e branca.

A entrevista começou, como todas e Izabelita Ruiz, como o fazem

também em geral as artistas estrangeiras que são

entre-
vistadas,
falou-nos

do seu carinho pelo publico de

Lisboa, que ela já conhecia de há cerca de dois anos, quando trabalhara no Politeama

— O que pensa do cinema ?

— Que é uma arte admirável, a única que torna possíveis as grandes realizações de beleza, isto sem que a arte dramática, o canto e a dança deixem de ter o lugar há muito alcançado.

— Gostou de filmar ?

— Sim O cinema, como já lhe disse, é uma arte sublime e quem, como eu, é só artista tem por força de gostar dele.

— Quantos filmes fez ?



— Dois apenas: «Destinée», uma película francesa, feita em França e com artistas daquela nacionalidade. Fiz o papel principal — uma espia italiana — num argumento feito sobre a época napoleónica; e «O vôo da águia», cuja factura resultou magnífica, melhor até que o próprio original.

— Porque deixou de filmar ?

— Eu não deixei... mas para filmar são precisos mezes e mezes e em França e Espanha os artistas de cinema são péssimamente pagos. Daí...

— Daí o ter que olhar á parte material da vida...

— Isso mesmo. Compreende que o teatro, cuja compensação não é também o que deveria ser, oferece no entanto resultados mais rápidos Isto, porém não quer dizer que não volte a filmar... e creia que quando o fizer me entregarei de toda a alma a essa bela manifestação de arte. Izabelita Ruiz, que está doente, fala devagar, recostada sobre um divan.

Os seus olhos

negros,

olhos

que

são

a própria

Espanha,

cheia de bri-

lho e graça,

esses não param nunca.

Quando a sua boca se fecha, eles continuam falando...

— Sei que parte amanhã para Madrid !

— Sim. Vou descansar algum tempo, sinto-me muito doente, depois... recomencarei esta vida errante que tenho levado de artista de variedades. Prossegurei dansando e cantando, e satisfazendo a minha alma de artista. A entrevista ia findar e Izabelita Ruiz, quiz, como sempre, ser gentil: a sua «doncella» tirou de uma pequena mala um retrato e foi a nossa «Conklin» que serviu para a dedicatória da fotografia que ilustra estas ligeiras palavras com a vedeta do teatro que já fez cinema.

Izabelita Ruiz fala á «Cine»

Dois «films» e uma vida errante de artista
de variedades através da Europa e da America

O cinema francês viveu, durante os últimos anos, numa desoladora apatia, contra a qual debalde reagiram algumas tentativas admiráveis, mas isoladas. Ultimamente é que deu ao mundo a expressão de que nele se tinha operado uma ressurreição do seu passado fecundo em realizações felizes e audaciosas. Abel Gance, Marcel L'Hertier e Leon Poirier meteram hombros a essa empresa louvável e ardua, realizando filmes capazes de figurar, sem favor, entre os primeiros produzidos pela América do Norte. Marcel Vandal veio associar-se a esses esforços com um «film» admirável a «Agua do Nilo» cujo entrecho extraído duma novela de Pierre Frondaie, sem desenharmos nenhum complicado problema moral ou social, mantém, sem um desfalecimento, a emoção do espectador até ao fim:

Os Sorgepois, uma das mais antigas famílias nobres encontrase arruinada, correndo o seu palácio do aristocrático faubourg Saint-Germain o risco de ser vendido para pagamento das dívidas. Wirsop, um especulador de origem suspeita, é o mais intratável dos credores.

Rico, riquíssimo mesmo, convem-lhe mais do que o dinheiro que pode arrancar àquela família, um casamento que lhe permita ser recebido na alta sociedade. Ana Maria, a filha dos Sorgepois, serviria os seus planos. Depois de a cortejar sem resultado, pede-a em casamento prometendo em troca à família salvá-la da ruína.

Ana Maria hesita entre o sacrificar-se pela família e o sentimento afectuoso que nutre por Pierre Levannier, seu camarada de infancia. Mas este será para ela mais alguma coisa do que um amigo? Ana Maria tenta arrancar-lhe uma confissão, mas pinta de tal modo a situação de sua família que ficará na miséria se ela se recusa a casar com Wirsop que Pierre Levannier hesita e não pronuncia as palavras que ela esperava. Ana Maria afasta-se desolada e



Jean Murat e Lee Parry

A AGUA DO NILO

Grande filme de amor que é também um admirável documentário da vida e paisagem egípcias

família intervém e mais uma vez Ana Maria se curva, resignada a optar por um marido que detesta.

Levannier é acometido de grande exaspero. Para esquecer Ana Maria entrega-se a toda a espécie de divertimentos sem conseguir aturdir-se.

Até que, em consequência dum dia de galope desenfreado através do deserto, adoece gravemente. Receando que a morte o surpreenda longe da pátria, tenta regressar a França. Morre dias depois, em pleno oceano, sem ter voltado a ver Ana Maria que viaja no mesmo barco fugida para sempre a Wirsop, cuja presença se lhe tornava intolerável.

Lee Parry veio propositadamente a França para interpretar a amorosa e torturada Ana Maria. Jean Murat em Levannier e Maxudian no odioso Wirsop realizaram um trabalho que os críticos franceses aplaudiram sem reservas.

Quanto tempo terão os amadores de cinema de esperar para vêr este filme numa das nossas salas de exhibições?

aceita com dolorosa resignação o seu papel de esposa dum aventureiro enriquecido.

O resto da acção desenrola-se em pleno Egito. E, aos olhos do espectador de fila o Cairo, Alexandria, a Esfinge e o Nilo, o mais velho rio que o mundo conhece, sagrado pela história e divinizado por varias religiões. Pierre Levannier vai encontrar Ana Maria, cujo marido partiu para uma longa viagem, procurando aturdir-se em festas duma rara magnificência, e requestada por todo um bando de homens ricos, ociosos e sem escrúpulos. Acontece o inevitável. O amor de ambos torna-se uma realidade e partem numa excursão através do Nilo que tem todo o aspecto duma viagem de nupcias. O idílio prossegue até que, um mez depois Ana Maria é advertida de que Wirsop vai regressar ao Cairo. Pierre Levannier julga chegado o momento de colocar o dilema: ou ele ou Wirsop. A

OS GRANDES COMICOS DO CINEMA

CHARLOT

NÃO só os grandes trágicos, os galãs audazes e desvoltoos, as vedetas formosas, são admirados e queridos do mundo cinematográfico. Os cómicos, os grandes cómicos do cinema, conquistaram também uma imensa coorte de admiradores, que os aplaudem, sabem os seus nomes de cor, tódá a sua bibliografia. Quando se pergunta a uma criança se gosta de cinema ela responde logo: «Gosto muito de ver o Charlot».

Assim é, de facto. Charlie Chaplin é o grande cómico das crianças, o mais fiel amigo dos frequentadores miudos do cinema.

Charlot representa o género de cómico natural, que interpreta sem esforço, ajudado sòmente pelo seu génio, misturando o ridículo com a amargura, daquela amargura natural que vem do coração, emocionando, mas, logo a seguir, fazendo rir a multidão.

Foi sempre muito difícil definir o cómico, que é um fenómeno para o qual as explicações mais justas não têm cabimento senão no momento da sua duração. Quando se trata de Charlie Chaplin, o problema resulta ainda mais complicado porque êle não é sòmente um actor mas também um pensador e ocupa no mundo cinematográfico um lugar à parte. Charlot obtem efeitos cómicos de um certo número de situações graves, de tal forma inexplicáveis, que não se sabe bem a que causa applicá-las, escapando assim à crítica mais perspicaz.

Em todos os filmes que faz, há sempre uma idea, uma idea sólida, que êle desenvolve com a sua maestria, com os seus inegaláveis sorrisos cómicos, mas de um cómico humano.

Charlot é um sentimental e um poeta: joga com o seu coração, com a sua natural ternura, com a sua imaginação, que é uma das mais poderosas que se têm visto. Uma das razões do seu êxito é o seu encanto; outra, o seu gosto.

Adoptou uma modalidade artística que nada se parece—com tódas as outras conhecidas e, portanto, não choca com o já visto, não é pesado nem demasiadamente grotesco; é atractivo; tem tanta graça que conseguiu ocupar um único tipo em tódas as suas películas, tipo que é hoje universalmente conhecido. Charlot é arguto e muito inteligente. Sob a sua excentricidade há sempre um bom sentido, muito sólido, que êle aconselha frequentemente; sabe fazer tudo, sabe comandar.

Charlot tem um grande coração e, por isso, as expressões são sempre originaes em tódas as modalidades da sua arte e em tódas as mil e uma manifestações dos sentimentos. Não é nunca afectado, nem distraído, não esquecendo um detalhe, nem se comprometendo com a vulgaridade.

Homem de génio, não inventa o seu génio. E'

quasi paradoxal, mas é quasi completo.

Charlie Chaplin é também um caricaturista no absoluto sentido da palavra. E' sensível, observador, vivo. O seu mecanismo afectivo vibra tanto como o dos espectadores, apesar da grande distância que os separa. Não se entusiasma facilmente e, sòmente em alguns gestos, mostra o seu ardor.

O verdadeiro ridículo ba-seia-se nos sentimentos humanos, e é jogando com o coração do homem, que êle faz rir.

Charlot venceu por isto: por ser sentimental, sincero, dócil, apaixonado pela sua arte. Não imita os outros, nem mesmo a si próprio. E' sempre novo em cada uma das suas películas, sempre alegre, afável, terno, às vezes até patético. Mas não cai no ridículo, porque, ao entregar-se a algum excesso sentimental, inadmissível em filme cómico, compreende imediatamente o seu papel, levanta-se, sorri, faz uma pirueta, e salva-se fazendo rir os espectadores.

Êle é o actor preferido das crianças, porque é pai, porque ama muito uma filhita, rosadita e loira, que a sua ex-esposa lhe deu. Em amor, como na vida, Charlie Chaplin é um vagabundo insaciável, esperando sempre novas sensações, ambicionando sempre o que não tem. Eis a causa dos seus divórcios e dos seus muitos amores...



AMADEU DE FREITAS, FILHO



CLIVE BROOK

Foto Paramount

À la mémoire
des héros portugais
morts sur le sol
de la France.

Léon Poirier



VERDUN, Visions d'Histoire

Primeira exibição

SALA Marivaux no *boulevard* dos Italianos e cinema para ricos no centro do capital. Nove horas em ponto. Dentro da bilheteira, ninguém: *Hoje não se vende, amanhã sim.* Lotação esgotada? Evidentemente. Contratadores? Não há. Então? Os empregados, elegantes e delicados, respondem o mesmo que por norma se responde a um pobre: *tenha paciência que não pode ser!*

Os piquetes da lei — polícia e bombeiros — vestem de grande gala, sem nodoas sem remendos. Não palestram, não fumam.

Vou sentar-me no fauteuil que me destinou o Sr. Léon Poirier. Em volta de mim, joias e perfu-

mes — atmosfera de mulheres bonitas ou que querem ser bonitas, graciosas, mesmo nervosas, parisienses!

Inútil dizer que a sala está repleta: é noite de primeira exibição. Vamos assistir ao resultado da *entente* militar entre a França e a Alemanha!...

A ansiedade do público é indiscriminável.

Na orquestra, um órgão que domina... duas harpas e sinos de bronze — trinta e cinco executantes em vez de trinta e cinco professores!...

Partitura escrita expressamente para o filme? Não. Apenas uma extraordinária adaptação musical. Percebo alguma coisa de música? Nada. Mas, como toda a gente, sei dizer «se gosto ou se não gosto». Gastam-se vinte minutos n'um documentário. É interessante mas... hoje, por acaso



A ESPOSA, composição de *Suzanne Bianchetti*

não interessa. Intervalo. O espectador está cheio de nervos. Respira-se mal.

O ecran anuncia *Verdun, Visions d'Histoire* depois d'um preludio estupendo, executado na penumbra—trecho discritivo e doloroso que prepara o ambiente... Uma salva de palmas.

Posso afirmar, sem que ninguém me possa desmentir, que vi o super-documentario mais celebre do mundo! Vi o melhor filme que o mundo realizou sobre a Guerra. Perante *Verdun, Visions d'Histoire* tudo é mesquinho, tudo desaparece. Eu não creio que seja possível mostrar na tela uma película mais formidável. Sim, repito: formidável!—e o adjectivo não é exagerado.

Portugal deve conhecer esta obra que adoece os Homens—o monumento mais gigantesco da cinematografia contemporanea, levantado por Léon Poirier para que no intimo da Humanidade se consolide e se radique a... Paz!

Desenrolam-se tres mil e pico metros... de guerra, sem abraços nem beijos, sem que se esboce uma declaração de amor. E o publico vibrante, por vezes inundado de lágrimas, não fala, não gesticula. O público sofre e... aclama! *Verdun, Visions d'Histoire* tem o carimbo da historia, a nobreza da verdade, a arte da realização, a nitidez da fotografia. Não está dividido em X partes; apresenta três visões, apenas: a força dos homens, o inferno do combate, o destino de Deus!

Meia noite. Os aplausos chegam ao boulevard. É o entusiasmo dos francezes? Dos francezes e dos alemães.

No gabinete de Léon Poirier

Muitos empregados e muito barulho: um escriptorio que parece uma repartição. O telefone não pára... E' na rua Vignon, na *Companhia Universal Cinematografica*.

— Está o Snr. Léon Poirier?

— Está, mas não recebe ninguém.

— E' um assunto urgente.

— Negocio do interesse da casa?

— Um jornalista que traz uma carta de apresentação.

Minutos depois tenho na minha frente o homem mais celebre na realização dos super-documentarios, o autor de *O cruzeiro negro*. O seu gabinete de trabalho parece o gabinete da desordem. Há em todos os cantos, catalogos, ilustrações, prospectos, mil papéis,—tudo em desalinho.

Léon Poirier é um homem a quem pode apli-

car-se a mesma frase que ouvi, ha anos, ao saudo so Henry Bataille: *je travaille, voilà tout!*

Aqui, não ha luxo, não ha antiguidades; apenas alguns objectos curiosos e excentricos, trazidos das terras d'Africa e... uma linda dactilografa. Aqui, trabalha-se. Não ha tempo para gastar empaleio inutil.

Léon Poirier conhece muitos portugueses e sabe dizer coisas de Portugal. Surprehende-me.

«Tenho muito prazer em lhe apertar a mão — diz-me—porque guardo boas recordações de todos os seus compatriotas. Depois, ainda não me esqueci que Portugal é um aliado da França que o norte da minha terra ensopou sangue da sua terra.

Mudando de tom, Léon Poirier pergunta em que me pode ser agradável.

— Desejava o seu retrato para a revista CINE, de Lisboa.

— Meu caro amigo: pede-me um impossivel!... Eu não perco o meu tempo no atelier dum fotografo. Não tenho retratos. Ha apenas uns instantaneos feitos pelos meus operadores e quasi sempre sem meu conhecimento... Quero dar lhe um autografo mas numa fotografia de *Verdun, Visions d'Histoire*.

— Está contente com o exito da sua obra?

— E porque não hei de estar? Os factos dizem mais que as palavras. Conhece-se já o resultado do meu trabalho, preparado pela minha consciencia. Tentei realizar uma obra imparcial. Consegui. Tenho portanto razões para me felicitar.

«*Verdun Visions d'Histoire* é um hino á Paz. N'este filme não ha politica, não ha odio.

— E' a colaboração da França com a Alemanha? «Absolutamente. Reconstitui a historia com o maximo rigôr. E' evidente que não procurei agradar a este ou àquele... Sabe o que mais me preocupou? a verdade. Oh! sim, a verdade!

Léon Poirier diz o que pensa, num tom de grande naturalidade, muito tranquilo no seu fauteuil, sem um gesto exagerado. Infelizmente a conversa não pode continuar: ha muita gente anciosa pela minha saída—gente que tem hora marcada. E despeço-me deste grande Artista que tem feito enormes sacrificios para alcançar o grande prestigio que hoje envolve e impõe o seu nome.

Em casa de Suzanne Bianchetti

Rua d'Aumale no IX bairro e rua discreta para gente rica. No quarto andar do número 6, esperame uma figura simbolica de Léon Poirier que se chama Suzanne Bianchetti.

Dispõe apenas duns minutos para me ouvir, porque tem mil compras a fazer. E' um dia péssimo para uma entrevista...

—Insisti em lhe falar hoje porque não tenho outro dia; parto esta noite...

—É pena! Gostava de conversar consigo longamente. Suzanne Bianchetti é uma linda mulher, uma loira de raça. Tem um sorriso para me apertar a mão sorriso que se mantém em quanto eu me mantenho na sua presença. Leva-me para uma sala de quadros, de *bibelots*, de coxins,—um pequenino museu de grandes recordações. Fala com inteligência e com alegria. Suzanne Bianchetti, que está pronta para sair, veste de seda, um magnífico vestido que passou, talvez, pelas *midinettes* da *rue de la Paix*.

Sem se preocupar com a sua *jolie robe saumon*, a famosa Madame Sans-Gêne senta-se, muito à vontade.

—Quando volta a interpretar uma figura de nobreza, uma dama da cõrte?

—Vou incarnar Maria Antonieta. Já comecei a filmagem.

—Muito bem... Como está com pressa vamos ao que me trouxe ao seu encontro. Diga-me qual-quer coisa de *Verdun*, *Visions d'Histoire*.

—Posso garantir-lhe que Léon Poirier ficou satisfeito com os seus colaboradores.

— Francêses?

— Francêses e alemães. Todos, sem excepção, conheceram a guerra, todos sofreram com a guerra. Não se trabalhou pelo simples facto de ser preciso trabalhar. Tenho a certeza absoluta de que todos sentiram o que fizeram. Vivemos alguns mezes na terra devastada pela metralha dedicando muito da nossa alma a este documentario que... deixe-me dizer-lhe, guarda na sua historia algumas das nossas lagrimas.

— Que me diz do actor que interpretou o soldado alemão?

— Hans Bransewetter?

— Exacto.

— Foi um grande companheiro, um amigo.

— Sabe se tomou parte na Grande Guerra?

— Sim senhor, em Soissons... Combateu contra a França... Quando chegou, pareceu-nos pouco à vontade, tímido, silencioso.

«Léon Poirier garantiu-lhe com a sua palavra de honra que não o obrigava a fazer, fosse o que fosse, contra a Historia ou contra a Alemanha. Bransewetter animou-se, sentiu-se bem, e trabalhou com verdadeiro entusiasmo. Se soubesse a tristeza com que se separou de nós!

E Suzanne Bianchetti mais não disse porque nada mais perguntei.

Paris, Novembro de 1928.



Léon Poirier preparando uma explosão


C A R L O S A L B E R T O F E R R E I R A

Uma estrela portu-
guesa na America

Luísa Fazenda

O romance de Luísa Fazenda? A sua vida? Luísa Fazenda tem a imaginação das suas películas. A sua biografia depende do seu estado de espírito, da fita em que trabalha, da revista que lhe solicitou, uma biografia humilde para uma revista pop-lar, uma biografia de princesa para uma revista de luxo... Ora nasceu num expresso, ora num trasatlantico, ora numa aldeia de madeira do Arizona ou do Texas. O seu espírito, que tomou a forma inquieta do seu corpo, é um verdadeiro *metteur-en-scene*. Luísa Fazenda não tem o cuidado pueril de evitar uma contradição, não se preocupa em dar uma lógica, mesmo de folhetim, à sua vida múltipla... Ela muda de biografia como quem muda de cenário, com desassombro, com sereni-

dade, com a indiferença e soberania do *ecran* onde as vidas se sucedem, com a inocência do pano branco resignado, que não deixa de o ser, por mais nódoas que lhe queiram pôr. E' mesmo possível que Luísa Fazenda não seja culpada das biografias que lhe atribuem e que se limite a aceitá-las como aceita os papéis das fitas onde entra... Um facto averiguado: Luísa Fazenda nasceu em Indianopolis mas ela não o confessa e não gosta que lho lembrem porque a palavra Indianopolis irrita o seu sangue, porque ela lhe dá o sabor duma «fille sauvage», o que lhe desagrada, se bem que ela seja a menina mimalha de Hollywood, o anjinho da pele do diabo das fitas Warner Bros... Mas Luísa Fazenda merece a gratidão de todos os portugueses, porque há um pormenor da sua biografia que ela não sabe negar e que proclama com orgulho, que a levou a receber-me como um irmão: a sua origem portuguesa, o elemento predominante do *cocktail* do seu sangue. Na América, Estados Unidos do Sangue de todas as raças, este facto é mais significativo do que se julga. Raros são os americanos que triunfam, que vivem no céu de Broadway, ou na colina de Beverly, que tenham a coragem de confessar a sua ascendência, o seu cais de embarque... Receiam — e têm razão — o chauvinismo americano, as ciladas das associações secretas. John Felipe de Sousa, o grande maestro de origem portuguesa, não gosta muito — segundo dizem — que lhe lembrem os seus antepassados lusitanos. Pois Luísa Fazenda, ao contrário de certo compatriota que



LUÍSA Fazenda, irmã de Charlie Chaplin no humor, irmã de Lon Chaney na inconstância da sua máscara, é nossa irmã no sangue que lhe corre nas veias, no seu seu nome tão português, boas vindas de Hollywood... Sabia muito pouco de Luísa Fazenda quando cheguei a Los Angeles. Segui o seu nome, através da maré alta dos cartazes, como se segue, numa rua desorientadora, congestionada, um perfil que não conhecemos, que nunca vimos, mas que, apesar de tudo, nos é familiar... — O nome de Luísa Fazenda foi o meu farol de Hollywood. Foi a luz dêsse nome que me guiou, que me fez conhecer a grande estrela cómica da América. Abençoada luz... Luísa Fazenda é uma das minhas grandes saudades de Los Angeles. Difícil encontrar a portuguesa ao primeiro contacto, apesar do seu tipo americano, do seu tipo de grande boneca de loiça. Fui eu que ensinei a Luísa Fazenda as únicas palavras portuguesas que ela sabe dizer. Seu pai, bastante culto, que tem folheado alguns livros portugueses, vivia nesta angústia, nesta aflitiva interrogação, nesta charada quebra-cabeças: qual o motivo porque encontrava freqüentemente o seu nome, em livros e jornais portugueses, com uma *toilette* de homem, em *travesti*, fazendo em vez de *fazenda*? Soceguei-lhe o espírito e conjuguei o verbo fazer, com a alegria infantil de Luísa Fazenda, bebé endiabrado, que me olhava como se eu tivesse despejado em cima da mesa uma caixa de soldados de chumbo... «Eu faço, tu fazes, êle faz...» Que alegre batalhão...

O NOVO PROGRAMA

de Raul Lopes Freire

Raul Lopes Freire apresenta um esplendido programa para a época 1928-1929, cuja exibição se fará no Central Cinema com todos os requisitos modernos. Todos os géneros são amplamente representados na vasta escolha feita. O dramático, o cómico, o histórico e o de aventuras, em que surgem artistas da envergadura de Emil Janings, Falconetti, Conrad Veidt, Lilian Harvey, Ossi Oswald e tantos outros. Só a Ufa apresentará 33 das suas mais belas produções.

Vem a propósito citar que a sala do antigo Central, hoje Central-Cinema, foi completamente remodelada, oferecendo o maior conforto e comodidade aos espectadores. E tanto mais é para louvar esta simpática e desinteressada iniciativa que não obedeceu a espírito de ganancia, pois que, tendo elevado os preços numa parcela insignificante suprimiu 200 lugares para maior comodidade dos frequentadores deste elegante cinema.

Resta-nos agradecer o artístico programa da nova época, primorosamente paginado e impresso e que vem juntar mais um crédito aos muitos conquistados já pelas oficinas de casa Bertrand (Irmãos).

usou em Hollywood o *loup* dum nome francês, tem o orgulho da sua raça e não o esconde. Não me esquecerei nunca desse chá no «Mary Garden», farrapo de película elegante onde me encontrei, pela primeira vez, com Luísa Fazenda. O alvoroço das suas perguntas, as suas curiosidades, os seus olhos infantis, os seus olhos rapazes...

— E como é Lisboa? E como são os homens? E como são as mulheres? Gostam de mim? Conhecem-me?

Não, não a conhecem... Lisboa recebeu apenas, algumas pálidas imagens de Luísa Fazenda. Pálidas imagens das suas primeiras películas... E eu não compreendo como não houve ainda um empresário de cinema, bom português e bom comerciante, que nos revelasse as grandes películas de Luísa Fazenda onde ela tem o espírito e a acção, o drama e a comédia dum Charlie Chaplin ou dum Harold Lloyd. Na fotografia que Luísa Fazenda destinou à *Cine*, já em pensamento quando fui para a América, a nossa irmã escreveu com a paciência duma colegial, a dedicatória que eu lhe ensinei, letra por letra: «Aos meus amigos portugueses»... Correspondamos à frase enternecida, ingénua — à frase de quem se julga com a popularidade que merece — e sejamos amigos de Luísa Fazenda que é a nossa Estrela do céu constelado de Hollywood, uma estrela portuguesa na bandeira americana...

ANTONIO FERRO

Novembro de 1928

DEZEMBRO DE 1928

O cinema e os seus artistas

O cinematógrafo deve ser a expressão máxima da vida, ou por outra, deve representar a vida em toda a sua realidade intensa.

Há quem afirme precisamente o contrário, mas essa afirmação, de certo modo arrojada, firma-se mais nas deficiências da interpretação, do que propriamente nos temas e argumentos que a arte muda nos apresenta.

E, na verdade, se em face da expressão do cinematógrafo, tem havido necessidade de desenvolver e multiplicar os seus filmes, renovando e variando constantemente suas produções, o certo é que, a par da fantasia que não pode deixar de existir, nunca o cunho da realidade se deverá pôr de parte, pelo menos na apresentação dos personagens.

O espectador aprecia o imprevisto, interessa-se pelas cenas, ora galantes, ora arrojadas, dos protagonistas, mas estes nem sempre se apresentam com o aspecto e a indumentária apropriados às circunstâncias e às cenas que representam.

Esquecem-se, por vezes, que o cinematógrafo não é o contrário da vida, como diz muita gente, mas a própria vida como é ou poderia ser, exposta à apreciação e ao julgamento de milhares de pessoas a quem a realidade desperta mais interesse que a fantasia, por mais artisticamente que esta se apresente.

E nos filmes propriamente de comédia, onde o beijo tradicional, como que em apoteose máxima, fecha sempre as emocionantes cenas duns amores trabalhosos, é que a monotonia e a falta de originalidade mais se notam.

Daí a razão de se dizer que o cinematógrafo é o contrário da vida e daí a necessidade de se imprimir nova directriz às produções e argumentos das fitas cinematográficas, pelo menos naquelas que representam cenas da vida real.

E essa nova directriz é fácil de tomar. Basta que os encenadores e os artistas se convençam de que a arte, que é no fim de contas a vida em toda a sua realidade e beleza, os deve inspirar na sua vida profissional.

Allredo Monteiro de Macedo

Começa hoje a prestar a sua colaboração à «Cine» o sr. Alfredo Monteiro de Macedo, cinéfilo distinto que às minudências da Sétima Arte vem dedicando desde há anos a sua atenção e inteligência.

A «Cine» orgulha-se com esta adesão que reputa preciosa

Ao brilhante semanário de crítica portuense «Fiat Lux», agradecemos as amáveis referências que faz à nossa revista, transcrevendo trechos do artigo sobre o insigne Mestre Abel Gance.

Muito e muito obrigada.

O «CEU NA TERRA»

A Ufa não desfalece na sua produção prodigiosa. Filmes de primorosa reconstituição histórica... cenas duma intensidade dramática emocionante... quadros dum cómico irresistível...

O novo filme «Ceus na Terra», que Raúl Lopes Freire apresenta e será exibido no Central Cinema, é dum enredo encantador.

Vejamos o argumento:

O deputado Belmann, que tomara a seu cargo a propaganda da moral, escolheu para tema do seu primeiro discurso no parlamento um violento protesto contra os vários antros de devassidão que escancaravam as suas portas à mocidade boemia. Um desses era o «Ceus na Terra» que tinha como proprietário um seu irmão, filho do mesmo pai. Apesar do parentesco não vacilava. A sua voz ribombava como um trovão atoador. E, quando se preparava com todo o afinco para a sua campanha moralisadora, recebia a notícia de que o tal irmão morrera,

deixando-lhe o estabelecimento como negregada herança, mas com a condição de passar ali todas as noites. Entre o seu dever de moralista e o seu espírito ambicioso travava-se uma luta feroz, acabando por vencer o interesse.

Ficaria sendo o novo proprietário do «Ceus na Terra». Afastava-se cada noite da sua casa, sem nada dizer à esposa que sofria em silêncio o abandono a que estava sendo votada. Dias depois, o gerente do estabelecimento, que fôra a casa do deputado restituir qualquer coisa que este esquecera na véspera, contou à desolada senhora toda a verdade: o seu marido passava as noites naquele antro de perversão, disfarçado em mulher para não ser conhecido. Apela para o último recurso, pedindo a seu pai que fôsse convencido o genro da sua tresloucada ideia. O velho segue a cumprir o mandato.

A senhora, vendo-se sósinha, toma a resolução de ir também ao local auxiliar a tentativa do pai. Uma vez ali, dança com um mancebo que toma, a breve trecho, familiaridades amplas. O marido, espicaçado pelo ciúme, rompe o disfarce, dando-se a conhecer. Ha uma scena patética. Nisto, chega o advogado do herdeiro com a feliz nova de que o «Ceus da Terra» fôra vendido.

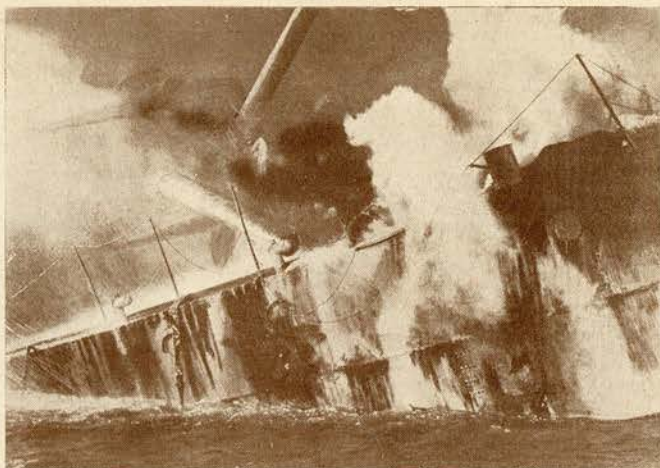
O deputado Bellmann volta para o verdadeiro ceu que é, no fim de contas, o seu lar pacífico, carinhoso, sempre bafejado pelo mais puro amor conjugal.



Reinhold Schünzel e Charlotte Ander



Uma scena do «Céu na Terra»



A batalha naval das ilhas Coronel e Falkland

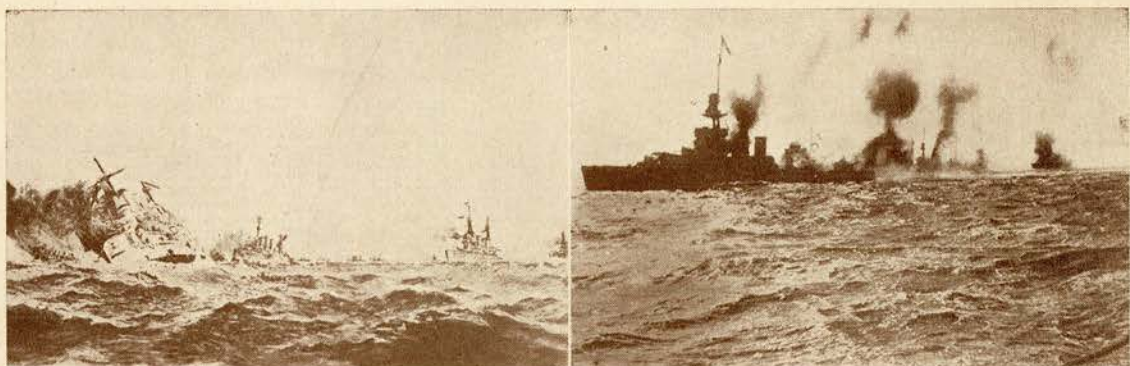
Programa de Salm Levy. Distribuição da Companhia Cinematografica de Portugal

ÊSTE é o melhor filme produzido até hoje na Gran-Bretanha. Nele é reconstituída, com a máxima verdade, essa épica batalha naval conhecida pelo nome que intitula o filme, onde navios de guerra ingleses e alemães, no Pacífico-Sul, lutaram heroicamente.

Para que à reconstituição nenhum elemento faltasse, o Almirantado inglês colaborou e patrocinou esta admirável película. Assim, « A batalha naval das ilhas Coronel e Falkland », além de nos mostrar os modernos engenhos dos poderosos navios de combate, dá-nos uma prova cabal do esforço e heroísmo da marinha de guerra inglesa.

Os simulacros de combate que, na tela, ressaltam reais e produzem grande emoção, foram executados por navios da Real Armada Britânica, entre os quais estavam os grandes couraçados *Barham*, *Malaya*, *Cardiff*, *Cancora*, *Conquest*, *Coventry* e *Ceres*.

Os oficiais e marinheiros sobreviventes da grande batalha tomaram parte activa nesta grande reconstituição, não só dando preciosas indicações, como desempenhando, nos seus antigos postos, as funções de outrora. Como se vê, não necessitaram mais do que ser bons marinheiros para darem excelentes artistas. E todos sabiam do ofício...



CORRESPONDÊNCIA

João Leal Socorro—Vila Real de Santo Antonio: — Não conhecemos Elma Daniels como artista cinematográfica. Não querará V. Ex.^a referir-se a Bebe Daniels? Sendo assim, a direcção desta «star» é Paramount Lasky Studios, Hollywood (Califórnia). A Ivan Mosjoukine pode escrever em francês, inglês ou russo.

António José Leitão Pinto—Coimbra: A carta a que se refere certamente se extraviou, pois não figura nos nossos arquivos. Sobre as suas perguntas temos a responder:

1.º — Fisicamente Laura La Plante é considerada na América como o tipo ideal de loira, sendo uma actriz que fez uma carreira muito rápida até atingir a sua actual posição de destaque na Comédia.

2.º — Os gostos não se discutem, no entanto como beleza vamos mais por Laurita La Plante.

3.º — Norma Talmadge (se bem mais antiga) e Lilian Gish estão no mesmo nível, como duas das mais cotadas actrizes da arte muda.

Um madeirense Funchal: — Cinelandia y Films e Cine-Mundial (edição espanhola) respectivamente 1031 S. Broadway, Los Angeles (Califórnia) e 516, Fifth Avenue, New-York.

Cine-Miroir (francesa) 18, Rue d'Enghien, Paris.

Cine-Arte (brasileira) Rua do Ouvidor, 164, Rio de Janeiro.

Um admirador de cinema—Lisboa: — Douglas Fairbanks e Dolores del Rio—United Artists Studios, 5341, Melrose Avenue—Hollywood, Califórnia.

O film «O Gaúcho» será projectado em Lisboa este inverno, possivelmente no Tivoli. O primeiro papel feminino é desempenhado pela mexicana Lupe Velez.

O «Neto do Zorro» ou «Senhorita», também deve ser projectado este inverno, talvez no Tivoli, sendo os papéis principais desempenhados por Bebe Daniels, James Hall e William Powell.

Mascara Negra—Figueira da Foz: — Os seus alvítrios são todos muito apreciáveis e possivelmente aproveitáveis, quando em Portugal houver mais iniciativa e sobretudo... dinheiro... dinheiro. Temos actores e actrizes com qualidades excelentes para a Arte Muda, porém carecem de quem os ensine e os lance. Até hoje pouco se conseguiu, no entanto há muitos projectos e esperanças e... «un jour viendra».

Manuel José de Sousa Costa—Estoril: — O actor e a actriz do «Anjo das Trevas» que lhe interessam são Wyntham Standing e Vilma Banky.

Carols—Lisboa: — Patsy Ruth Miller—1822 N. Wilson-Hollywood (Califórnia). Escreva em inglês que deve mandar retrato. Norma Shearer e Ester Ralston, costumam mandar retrato.

A. Verissimo da Silva—Estoril: — Os principais interpretes da «Vertigem da dança» são George O'Brien, Madge Bellamy e Alma Rubens.

Durval Pires de Lima—Lisboa: — Sentimos não poder satisfazer o seu pedido. Escreva a Joan para Metro-Goldwyn Studios, Hollywood (Califórnia) e talvez ela lhe mande um retrato pouco «vamp», tanto do seu agrado.

Cinefêlo—Matuto—Lisboa: — Os desenhos animados fazem-se por meio de uma série de desenhos representando as posições sucessivas que se querem reproduzir e que são fotografados também sucessivamente por meio de um dispositivo especial da máquina, que permite fazer fotografias separadas. O conjunto dessas fotografias separadas das posições sucessivas dos bonecos, forma o filme que depois se projecta.

O corte das fitas obedece ao critério das comissões de censura. Não é só em Portugal que as fitas sofrem grandes cortes, conforme verá pelo exemplo que lhe damos. «Ivan o Terrível», fita russa já projectada em Lisboa, não pôde ser exibida na América em consequência da censura ter feito cortes de tal natureza que a prejudicou por completo.

Uma apaixonada da Cine—Lisboa: — Lutamos com enorme falta de espaço e por isso vamos sacrificar em parte as suas perguntas. Perdoe-nos não é assim?

1.º — A «Última careta» e «Casanova» foram importados respectivamente por J. Castelo Lopes e Raul Lopes Freire.

2.º — «Trindade Maldita» — Lon Chaney, Mae Busch, Matt Moore, Victor Mac Laglen, Harry Earles, Mothel Betz, Edward Connelly, William Humphreys e A. E. Warren.

«O Lacrau» — Renée Adorée, Doris Lloyd, Lon Chaney, Owen Moore

3.º — Outros filmes de Lon Chaney: «O sargento Malacara», «Notre Dame de Paris», «Mr. Wu», etc., etc.

Actriz Victoria—Lisboa: — O «Guarda Marinha», realizador Christy Cabane: Ramon Novarro, Harr-et Hammond, Wesley Barry, Margaret Seddon, Crawford Kent e William Boyd.

«Trindade Maldita» — Realizador Tod Browning. Veja resposta a Uma apaixonada da Cine.

«Madame Sans Gêne» — Realizador Leonce Perret: Gloria Swanson, Suzanne Blanchetti, Arlette Marchal, Renée Héribel, Emile Drain, Charles de Rochefort, Guy Favières e Warwick Ward.

O primeiro e segundo filmes Odeon, o terceiro Tivoli.

Josepha Brito: — Pode escrever-lhe na lingua que quizer.

Duarte Fernandes: — Lon Chaney, Renée Adorée e Owen Moore; realisador, Tod Browning.

Indocti: — 1.º Lon Chaney, Victor Mac Laglen e Mat Moore. 2.º Johnny Downs, Joe Cobb, J. R. Smith, Mary Korman e o negrito Farinha. 3.º O Guarda Marinha, O prisioneiro de Zenda, O pescador de pérolas, Scaramouche e Más linguas, são as que de momento nos lembram. 4.º Loura ou Morena?, A mulher feliz, Babilónia, O filho pródigo, Jazz, Saudade, O príncipe Fazil, etc.

João Leal Socorro—Lilian Harvey Berlin — Friedenau, Düsseldorf Str. 47. Anita Page e Greta Garbo, Metro Goldwyn Studio, Culver City, California. Mady Christians, Frau Dr. Von Müller, Berlin — Charlottenburg, Bis marckstrasse 67. Dina Gralla, Frau Eyre, Berlin NW, Unter den Linden 1. Hotel Adlon. Brigitte Helm, Berlin Friedenau, Tehlerstr. 4. Mary Astor, Warner Studios, Sunset and Bronson, Los Angeles, California.

Rico: — 1.º Lon Chaney, Victor Mac Laglen e Matt Moore; realizador: Tod Browning, 2.º Fritz Lang, 3.º Cecil B. de Mille Studio, Culver City, California.

Ladamundo: «Madame Sans Gêne» — Gloria Swanson, Warwick Ward; Charles de Rochefort e Arlette Marchal; realizador: Leonce Perret. «Valsa do Adeus» — Pierre Blanchard, Marie Bell e Germaine Laugier; realizador: Henry Roussel.

M. C. F. J.—Aveiro: — Essa artista é solteira, segundo nos consta. Para obter a fotografia pode escrever-lhe em alemão ou francês para a seguinte direcção: Dusseldorf Str. 47 — Berlin — Friedenau.

Don Quichote: — Devem atender o pedido. Dirija-se a Carl Schenström e Harold Madsen, Palladium Film, 42, Vimmelskaflet, Copenhagen. Para adquirir o retrato de Lon Chaney é melhor endereçar o pedido á Metro Goldwyn Studio, Culver City, California.

David da Silva Barbosa: Dolores Costello, Warner Studios, Sunset and Bronson, Los Angeles, Califórnia. Mãe Murray, Metro Goldwyn Studios, Culver City, California. Tom Mix, F. B. O. Studio, 780 Gower Street, Hollywood, Cal. Charles Ray, c/o M. M. John Lancaster et Jack Gardner, 523, Taft Building, Hollywood.

Lina: — Lew Cody é casado com Mabel Normand; tem 43 anos. O seu nome verdadeiro é Luis J. Cote.

Madame Guy: — Temos esse desejo e esperamos em breve vê-lo realizado. Por enquanto ainda é cedo para podermos anunciá-lo. O «simpático e garboso» Ronald Colman aparece no esplendido filme *Uma Noite de Amor* que o Tivoli exibiu a semana passada. Ronald é inglês; tem cabelo negro e olhos pardos. Está separado da mulher. Os nossos agradecimentos.

Cinema

O MELHOR E O
MAIS POPULAR
DOS CINEMAS
: DE LISBOA :

PELA ESCOLHA DOS
SEUS PROGRAMAS,
PELA COMODIDADE
DAS SUAS
MATINÉES
DIARIAS, PELA SUA
ESPLENDIDA OR-
QUESTRA-JAZZ

UNICO CINEMA QUE
DISTRIBUE
GRATUITAMENTE, POR
SORTEIO. BRINDES
MENSAES
AOS SEUS FREQUEN-
: : : TADORES : : :

BRINDES DESTA MEZ:

Particularmente distribuido ás creanças

*Dois grandes automoveis.
Trez lindas bonecas.*

*Doze automoveis pequenos
com corda.*

*Uma panoplia de couraceiro
francez.*

E outros brinquedos.

Olympia

QUANDO O LEÃO RUGE...



O MUNDO ESCUTA...

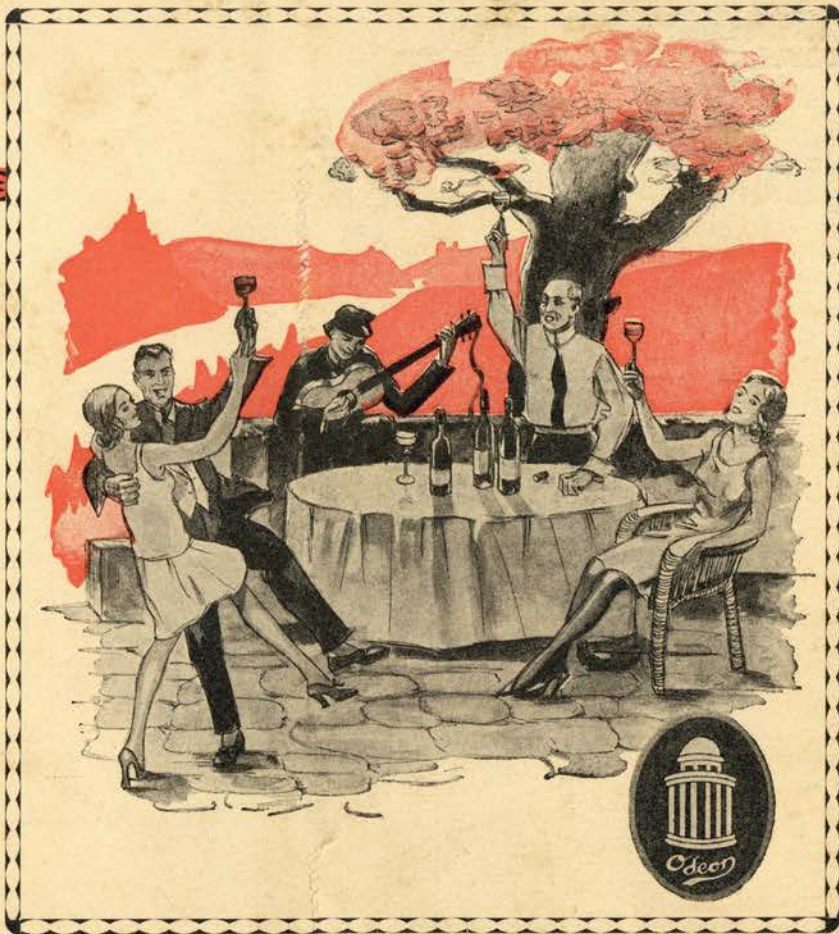
Metro Goldwyn Mayer Films, L.^{da}

10—RUA BRAAMCAMP

L I S B O A

Telegramas-METROFILMS-LISBOA

Telefone: N. 5852



O DISCO SEM RIVAL

DISCOS DE DANÇA

Pelas mais celebres orquestras, de Jazz,
Tangos, etc., etc.

DISCOS ARTISTICOS

Pelos melhores cantores
do mundo

DISCOS DE CONCERTO

Pelas mais afamadas orques-
tras mundiaes

Discos Portugueses pelos nossos mais queridos artistas
Palmira Bastos, Zulmira Miranda, António Menano, Tereza Gomes, Alvaro de Almeida, etc., etc.

Novas Grafonolas «PARACELSUS» As mais aperfeiçoadas que existem
Transportam 6 discos cada uma

PEDIR OS ULTIMOS CATALOGOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS DE DISCOS E GRAFONOLAS A'

CASA ODEON

113, R. DE S. NICOLAU, 113
LISBOA